

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**Círculos de Cultura no Projeto Fronteiras  
Urbanas: Um olhar sobre a visão do outro.**

Catarina Maria Estrela Farinha do Carvalho Pereira

Relatório final de estágio

**Mestrado em Ciências da Educação**

**Área de Especialização em Educação Intercultural**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**Círculos de Cultura no Projeto Fronteiras Urbanas:  
Um olhar sobre a visão do outro.**

Catarina Maria Estrela Farinha do Carvalhal Pereira

Relatório final de estágio orientado pela

Professora Doutora Mônica Maria Borges Mesquita

Mestrado em Ciências da Educação

**2013**



Ilustração 1 - Chão da Rua 15, Bairro dos Pescadores, Costa de Caparica, Portugal

*“É em vão que tua imagem chega ao meu encontro  
E não me entra onde estou, que mostra-a apenas  
Voltando-te para mim só podereis achar  
Na parede do meu olhar tua sombra sonhada.*

*Eu sou infeliz comparável aos espelhos  
Que podem refletir mas que não podem ver  
Como eles meu olho é vazio e como eles habitado  
Pela paciência de ti que faz tua cegueira”.*  
(Aragon s.d. citado por Lacan, 1964, p.22 )

## **AGRADECIMENTOS**

A vida são dois dias e, enquanto vivemos, devemos lutar para cumprir os nossos objetivos de sermos umas pessoas melhores. Compete-nos aproveitarmos ao máximo tudo de bom que a vida tem para nos oferecer. Mas como esse caminho não se faz sozinho quero agradecer, até ao momento, às pessoas que acompanharam e que tanto fizeram neste percurso da minha vida.

Por toda a atenção, dedicação e empenho, um enorme obrigada à minha orientadora, Professora Doutora Mônica, que ao longo destes meses me ensinou a ver a vida de uma outra perspetiva, tendo sempre o amor como base das nossas ações

As minhas coordenadoras de mestrado: Professora Isabel Freire e Professora Ana Paulo Caetano, que não só me acompanharam durante a minha licenciatura como também no mestrado e, sem as quais, a entrada para o Projeto Fronteiras Urbanas não teria sido possível, um muito obrigada.

A Joana Lopes Vieira por todos os diálogos trocados, durante o decorrer do meu estágio, muito obrigada.

A Sílvia Franco, que embora só se encontre presente na minha vida há pouco menos de um ano, o laço que foi criado foi muito importante no desenrolar do meu estágio. Ajudando-me nos momentos de mais angústia foste, sem dúvida, um forte pilar de sustentação, por essa razão um forte obrigada!

A Tânia Cabral um forte agradecimento pelo apoio no processo de construção de uma das minhas temáticas.

Aos meus colegas e amigos de curso um agradecimento muito grande por todo o apoio emocional, dedicação e ajuda. Em especial: Rita Silva pelas horas despendidas, pelo apoio, pela amizade, pelas aventuras e cumplicidade; Sara Ramalheite pela dedicação, atenção, honestidade e palavras de encorajamento; e Ivan Sousa por todo o amor, empenho, dedicação e atenção. A todos vocês, um obrigada enorme!

Aos amigos de Oeiras que me acompanharam desde o início do meu percurso até aos dias de hoje sem nunca falharem e acreditando sempre em mim. A vocês: Joana Martins pelas risadas, apoio incondicional, ajudas e dedicação; Francisca Carmo por todas as peripécias que já passámos juntas, conversas e aventuras; Zé Pedro por estares sempre do meu lado

apoando-me em qualquer decisão que eu tome; e Simão Farias que embora recente já proporcionaste grandes momentos de ajuda e proteção, um obrigada do tamanho do Mundo!

A toda a Comunidade do Projeto Fronteiras Urbanas, sem vocês nada disto seria possível. Obrigada pelo acolhimento, amizade e disponibilidade.

A uma pessoa muito especial que me acompanhou nas fases mais importantes da minha vida, acreditando sempre em mim e torcendo para que eu fosse mais longe sem nunca desistir um obrigada do fundo do meu coração: Tiago Machado.

Por fim quero agradecer às três pessoas mais importantes para mim neste mundo sem as quais eu não era nada! A ti mana que estás sempre ao meu lado, que nunca por um único segundo, me deixaste e que sempre me fizeste acreditar que a vida é para se aproveitar o melhor que existe nela sem olhar para trás, pois o nosso futuro está à nossa frente, um obrigada bem forte! Ao meu Pai, que ao longo destes anos me ajudou bastante no meu percurso académico e pessoal fazendo por mim o que pode e o que não pode um obrigado muito carinhoso! E por fim à minha Mãe, amiga, confidente, companheira que me faz andar para a frente e com quem posso sempre contar um obrigada muito especial!

A todos vocês que me fazem caminhar nesta viagem e que me fazem ser a pessoa que sou hoje um muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho pretende dar a conhecer as inúmeras experiências e aprendizagens que foram adquiridas ao longo do estágio curricular, desenvolvido no âmbito do segundo ciclo de estudos que conduzem ao grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação Intercultural.

O estágio curricular foi realizado no Projeto Fronteiras Urbanas: A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária, desenvolvido em duas comunidades na Costa de Caparica. Por meio de um estudo etnográfico de observação participante será posto em evidência todo o percurso realizado, durante o estágio, com os jovens de uma das comunidades deste projeto.

Desta forma, será dado a conhecer um olhar sobre a visão do outro revelando: modos de vida, mistérios, sonhos, desejos, ambições, medos e frustrações, com base no que foi vivido e experienciado, através das atividades de estágio, e suportado por um quadro teórico composto por um conjunto de conceitos e perspetivas salientadas por diversos autores.

**Palavras- Chaves:** Educação Intercultural; Círculos de Cultura; Ócio; Autonomia; Cultura.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present the many experiences and learning's that were acquired during the internship curriculum, developed under the second cycle of studies leading to the degree of Master of Science in Education in the area of specialization in Intercultural Education.

The curricular was held at the Urban Boundaries Project: The dynamics of cultural encounters in community education developed in two communities in Costa de Caparica.

Through an ethnographic study of participant observation will be made evident throughout the journey undertaken during the internship with the youth of a community of Urban Project.

Thus, it will be made known a look at the view of the other revealing: ways of life, mysteries, dreams, desires, ambitions, fears and frustrations, based on what was lived and experienced through the internship activities and supported by a theoretical framework consists of a set of concepts and perspectives tinted by several authors.

**Key Words:** Intercultural Education, Culture Circles; Leisure, Autonomy, Culture.



## ÍNDICE DE FIGURAS:

Ilustração 1 - Chão da Rua 15, Bairro dos Pescadores, Costa de Caparica, Portugal.....	i
Ilustração 2 - Logotipo do Projeto Fronteiras Urbanas realizado por João Moreira .....	6
Ilustração 3 - Desenho realizado por mim sobre o Bairro a 15 de Outubro .....	7
Ilustração 4 - Bairro das Terras da Costa.....	7
Ilustração 5 - Um dos moradores do Bairro das Terras da Costa transportando água.....	8
Ilustração 6 - Aula de Alfabetização .....	9
Ilustração 7 - Nome da Marta .....	10
Ilustração 8 - Comunidade Cigana a votar .....	13
Ilustração 9 - Comunidade Cabo-verdiana a votar.....	13
Ilustração 10 - Lista dos Votos.....	13
Ilustração 11 - Sessão 2 - 17 de Abril de 2013 .....	47
Ilustração 12 - Sessão 2 - 17 de Abril de 2013 .....	48
Ilustração 13 - O que é ser Mãe - 23 de Abril 2013.....	51
Ilustração 15 - O que é ser Pai - 23 de Abril de 2013 .....	52
Ilustração 14 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013.....	52
Ilustração 16 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013.....	53
Ilustração 17 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013.....	53
Ilustração 18 - O que é ser Pai - 23 de Abril 2013 .....	53
Ilustração 19 - Jovem moradora do Bairro das Terras da Costa com a filha.....	54
Ilustração 20 - Sessão 4 - 2 de Maio 2013.....	57
Ilustração 21 - Sessão 5 - 7 de Maio 2013.....	60
Ilustração 22 - Sessão 6 - 21 de Maio 2013.....	64
Ilustração 24 - Centro de Formação de Setúbal.....	71
Ilustração 23 - Jovens do Bairro das Terras da Costa no Centro de Formação de Setúbal.....	71

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – O COMEÇO.....</b>	<b>3</b>
Projeto Fronteiras Urbanas .....	3
Socialização.....	7
Jovens da Comunidade das Terras da Costa .....	14
<b>CAPÍTULO II – PROCURA PELA TEORIA.....</b>	<b>17</b>
Um simples olhar.....	17
Ócio: Criatividade e Coragem .....	22
Autonomia e Processo Educativo.....	27
Cultura em movimento .....	31
<b>CAPÍTULO III – O ENCONTRO DA PRÁTICA.....</b>	<b>38</b>
Círculo de Cultura .....	38
Sessões .....	43
Sessão nº 1.....	43
Sessão nº 2.....	46
Sessão nº 3.....	51
Sessão nº 4.....	56
Sessão nº 5.....	60
Sessão nº6.....	63
<b>CAPÍTULO IV – INCERTEZAS .....</b>	<b>69</b>
Um olhar sobre a visão do outro.....	69
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>77</b>

## INTRODUÇÃO

Todo o percurso pessoal e académico pelo qual passei ao longo destes anos, em especial nestes últimos cinco anos, foram de certa forma os grandes impulsionadores para a concretização do presente relatório de estágio.

A jornada que levou à realização do mesmo iniciou-se com a entrada para a licenciatura em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. No entanto o ponto culminante deste trabalho foi a escolha de prosseguir no mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização de Educação Intercultural. Dentro do leque que abrange as Ciências da Educação, a escolha da área de especialização de Educação Intercultural foi a minha primeira escolha, pois desde muito cedo que o desejo de envergar por este caminho se encontrava dentro de mim. Sou apologista de que a forma de se criar uma maior harmonia no mundo depende dos laços que são criados entre as pessoas, com base no respeito e na igualdade. Para que tal aconteça é necessário ter consciência que existem diversas culturas no mundo e que estas devem ser respeitadas.

O estudo desenvolvido ao longo deste relatório surge no contexto de um estágio curricular realizado no Projeto Fronteiras Urbanas: A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária, desenvolvido em duas comunidades na Costa de Caparica, com o objetivo de promover uma interação diversificada entre os jovens locais e criar espaços para o diálogo fomentando a autonomia. Firmo que o fio condutor, aqui definido, prende-se com a construção de um olhar numa dinâmica de respeito para com o outro.

Ao longo deste relatório, destaco todas as fases vividas, focando as aprendizagens e experiências adquiridas através de um estudo etnográfico de observação participante. Segundo Georges Lapassade (1991, 1992, 2001) citado por Fino (s.d), a expressão observação participante:

tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo da investigação, quando inicia as negociações que lhe darão acesso a ele, até ao momento em o abandona, depois de uma estada longa. Enquanto presentes, os observadores imergirão pessoalmente na vida dos locais, partilhando as suas experiências. (Fino, s.d, p.4)

Após realizar uma contextualização mais geral do presente relatório, firmo que este se encontra dividido em quatro capítulos. É importante referir que a organização do mesmo foi feita de acordo com o percurso decorrido ao longo do estágio, contemplando os itens exigidos institucionalmente para a sua elaboração mas com uma estrutura própria. Assim sendo:

Capítulo I – Começo: neste capítulo é apresentada uma contextualização social e organizacional do Projeto Fronteiras Urbanas: A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária, no qual estagiei em terreno durante dez meses; a minha fase de socialização; e, por fim, a apresentação dos jovens de uma das comunidades locais inserida neste projeto.

Capítulo II – Procura pela teoria: Neste capítulo é apresentado o quadro teórico utilizado na conceção e elaboração do presente relatório de estágio. Como tal, o mesmo encontra-se dividido em quatro subcapítulos, sendo eles: Um simples olhar, Ócio: Criatividade e Coragem, Autonomia e Processo Educativo e Cultura em movimento.

Capítulo III – O Encontro com prática: Neste capítulo é apresentado o método educacional Círculo de Cultura, que constituiu a ferramenta através da qual “um olhar sobre a visão do outro” se tornou possível. Num segundo momento, são apresentadas as sessões que foram realizadas e a forma como estas foram construídas. Considero o desenvolvimento destes Círculos de Cultura o meu projeto de estágio.

Capítulo IV – Incertezas: Neste capítulo é apresentado, num primeiro momento, as incertezas que advêm da realização do estágio, bem como a discussão do cumprimento dos objetivos que foram traçados. Num segundo momento, e como forma de finalizar todo este percurso, ficam as considerações de todo o trabalho realizado, salientando as experiências vividas e as competências adquiridas.

## CAPÍTULO I – O COMEÇO

Neste capítulo, intitulado como começo, dou a conhecer o projeto onde estagiei ao longo destes dez meses.

Apresento a fase de socialização que foi o pilar basilar de todo este trabalho pois, foi através desta que me aproximei da Comunidade Bairro das Terras da Costa (denominação dada pelo Projeto Fronteiras Urbanas a esta comunidade).

Este período permitiu-me levantar questões e, especialmente, descobrir a vontade de desenvolver atividades com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa.

### **Projeto Fronteiras Urbanas**

O Projeto Fronteiras Urbanas: A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária, doravante designado como Projeto FU, subsidiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sob referência PTDC/CPE-CED/119695/2010 e apoiado pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, desenvolve-se na Costa de Caparica e teve o seu início no ano de 2010. O mesmo é caracterizado como: “Um movimento etnográfico crítico centrado no desenvolvimento de uma política educativa emancipatória por meio da observação participante de conhecimentos presentes em comunidades multiculturais.” (Projeto Fronteiras Urbanas (Projeto FU), 2010).

Em estudos históricos referentes à Costa de Caparica, constata-se que esta cidade:

era antigamente um conjunto de simples pântanos cobertos de junco, cultivados de arvoredos e vinhas (...) Os seus primeiros habitantes foram pescadores de Ílhavo e Algarve, que atraídos pela safra da pesca vieram para a Costa pescar nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro, acabando por permanecer e formar as suas próprias famílias (Costa e Cultura Das Artes, 2007).

Na descrição histórica do Projeto FU tomamos conhecimento de que:

a área de terras na base da Arriba Fóssil, designada por *Terras da Costa*, foi desenvolvida pela comunidade agrícola e, atualmente encontra-se ocupada pela população de imigrantes oriundos dos Países de Língua Portuguesa, pela comunidade cigana e migrantes portugueses. (Projeto FU, 2010)

Neste contexto, o Projeto FU propõe-se a trabalhar com a população das Comunidades Piscatória e Bairro. A Comunidade Piscatória tem como espaço de reconhecimento a lota, os alvéolos e um pequeno bairro típico, que ainda conserva características tradicionais, tendo como fulcral a Rua 15.

A Comunidade das Terras da Costa, como designada no Projeto FU, é reconhecida localmente por Terras da Costa. Tal comunidade mesmo que assentada em terras agrícolas – hoje em dia caracterizadas como reserva agrícola, não tem um espaço de reconhecimento pela sociedade.

O Projeto FU tem como principais objetivos:

fazer ouvir as vozes multiculturais, encontradas nessas duas comunidades locais (Comunidade Piscatória e Comunidade das Terras da Costa), por via de uma etnografia crítica; aclarar os processos educativos em contextos multiculturais; valorizar o conhecimento centrado na organização e mediação de situações diferenciadas e interativas de aprendizagem; promover encontros intra e interculturais; difundir a importância do auto-conhecimento e do conhecimento dos espaços onde se atua e fomentar o desenvolvimento de projetos locais (Projeto FU, 2010)

Desta forma, o Projeto FU surge com o foco de realçar ambas comunidades, tendo em vista sempre os interesses da população das mesmas.

Quanto à sua composição, o Projeto FU possui uma equipa científica que concilia investigadores das mais diversas áreas do conhecimento; proporcionando uma visão holística sobre todo o processo de investigação.

Assim sendo, o Projeto FU encontra-se inteiramente ligado com o: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa como instituição sede do Investigador que se encontra responsável e ao mesmo tempo é o suporte nas áreas de Etnografia Crítica, Educação Intercultural e Mediação; Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, que reforça a disposição do projeto nas áreas de Antropologia do Espaço e Arquitetura Urbanística, cedendo ainda um bolsheiro de investigação; *Department of Learning and Philosophy, Aalborg University*, que colabora com a área da Teoria Crítica em Educação Matemática; Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que apoia o projeto na área do Currículo e Formação; *Department of*

*Biology, Ghent University*, que deterá um forte contributo na área da Sustentabilidade e Gestão de Recursos Marinhos.

A razão principal pela qual o Projeto FU é denominado por um movimento de etnografia crítica prende-se com a difusão de uma investigação participada entre as comunidades locais e a comunidade científica criando uma cooperação entre estas, tornando assim um dos objetivos principais do Projeto FU “a ação educativa de assegurar a importância do conhecimento de todos no processo de educação” (Projeto FU, 2010). Assim sendo, o Projeto FU encontra-se dividido por seis passos interativos e complementares sendo eles: Gerenciamento de Projeto; Mediação Comunitária; Enquadramento Teórico de Diálogo; Recolha de Dados Interativos; Análise Crítica dos Dados; e Plano de Disseminação.

- 1) Gerenciamento do Projeto: Desenvolvimento de uma plataforma, guias de encontros da equipa científica e relatórios de progressos;
- 2) Mediação Comunitária: Processo realizado em ambas as comunidades, sendo transversal ao longo do desenvolvimento do projeto;
- 3) Enquadramento Teórico Dialógico: Promoção de dois movimentos ao longo do trabalho em campo: um de construção teórica assente numa revisão bibliográfica, com enfoque na teoria crítica, e outro de sucessivas reconstruções dessa mesma teoria, em contato com as práticas experienciadas;
- 4) Recolha de Dados Interativa: Processo composto por três atividades distintas, sendo elas: Alfabetização Crítica – “Atividade que já decorre numa das comunidades locais e que será adequada aos níveis e aos significados encontrados nos ciclos do trabalho de campo” (Projeto FU, 2010); a Cartografia Múltipla – “fortalecer o auto-entendimento da situacionalidade dos membros das Comunidades” (Projeto FU, 2010); e Histórias de Vida – “Atividade que trará estudos de carácter biográfico de membros das duas Comunidades focando histórias de vida numa perspetiva holística” (Projeto FU, 2010);
- 5) Análise Crítica dos Dados: Cruzamento dos passos dois, três e quatro no exercício de compreender e descrever (coletivamente) a investigação proposta;
- 6) Plano de Disseminação: Apresentação de um *website*, realização de uma conferência nacional, desenvolvimento de uma curta-metragem, bem como a intervenção dos investigadores (das três comunidades do projeto) em encontros de carácter científico, cultural e autárquicos.

Como o próprio nome indica, o Projeto FU possui um grande enfoque na Educação Comunitária, o que leva à questão: Qual o conceito de Educação Comunitária?

Segundo Chaves (2006), a Educação Comunitária traz a ideia de educação popular, “do povo, para o povo e pelo povo”. Ainda segundo esta autora, a origem da Educação Comunitária advém da necessidade de melhorar a qualidade de vida dos sujeitos, de forma a poder estimular o seu pensamento e visão crítica, criando situações em que este se consiga apropriar não só dos seus deveres como principalmente dos seus direitos. A Educação Comunitária, nesta perspectiva, visa “dar voz” aos sujeitos de forma a promover a participação social dos mesmos.

O estudo da Educação Comunitária local, desenvolvido pelo Projeto FU, tem como principal objetivo fazer enaltecer as qualidades dos sujeitos que vivem à margem da sociedade como seres invisíveis (Mesquita, 2008, p.6) de forma a demonstrar que todos estão envolvidos nos processos de aprendizagem intrínsecos na comunidade.

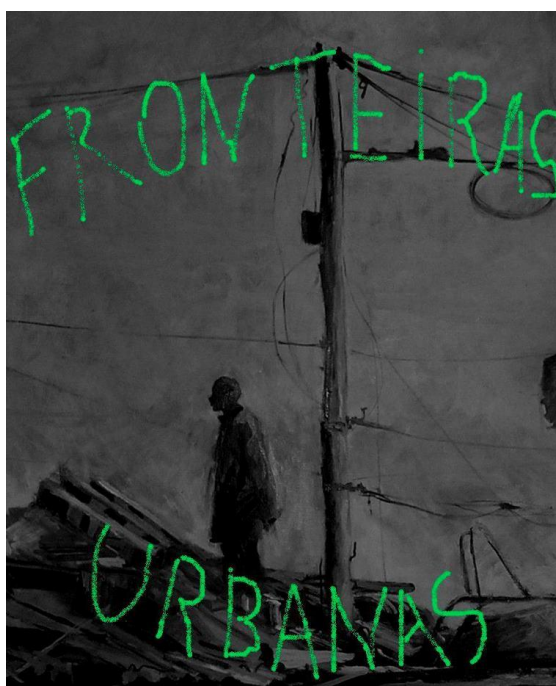


Ilustração 2 - Logotipo do Projeto Fronteiras Urbanas realizado por João Moreira



## Socialização

A Comunidade Bairro das Terras da Costa, como referido anteriormente, possui uma grande diversidade cultural, estando presente comunidades: Ciganas, Cabo-verdianas, Angolanas, Guineenses, São-Tomenses, e Ucrânicas.

Existe uma particularidade no Projeto FU no que respeita à categorização das diferentes comunidades, pois há, presente no terreno, uma comunidade designada como Mista. Tal comunidade é caracterizada por sujeitos pertencentes a estes mesmos diferentes grupos culturais que se unem por questões matrimoniais e, muitas vezes, por conflitos familiares.

Na Comunidade Bairro das Terras da Costa destacam-se, devido à dimensão populacional, a Comunidade Cigana e a Comunidade Cabo-verdiana.

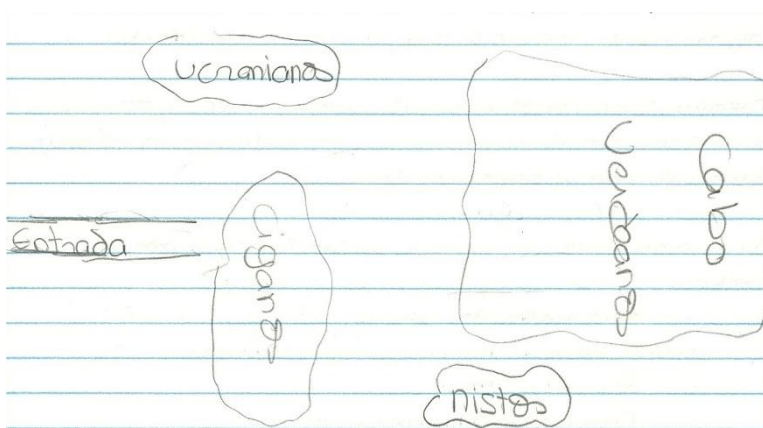


Ilustração 3 - Desenho realizado por mim sobre o Bairro a 15 de Outubro



Ilustração 4 - Bairro das Terras da Costa

Quando se avista pela primeira vez o bairro Terras da Costa, deparamo-nos com um local calmo, aberto e muito verde, existindo uma beleza natural. Porém, à medida que se vai entrando deparamo-nos com algumas situações menos agradáveis: um contentor de lixo onde as crianças brincam alegremente; casas que se encontram em situações precárias; uma área à base de terra batida; pouco abrigo exterior; entre outras coisas. No entanto, o pior cenário é o facto das hortas, ao redor e permeando o bairro, serem regadas todos os dias estando lado a lado das casas, bem como dos moradores, que não possuem água.

Os moradores do bairro Terras da Costa não possuem água dentro de casa. Para usufruírem de um bem essencial à vida e ao qual toda a população tem direito, necessitam de percorrer um longo caminho. Foi “disponibilizada”<sup>1</sup>, uma fonte construída pela Comunidade Piscatória em 1879 (Projeto FU, 2010), para o consumo de água. Esta é a realidade com que os moradores deste bairro vivem todos os dias, sem água para lavar as mãos, tomar banho, lavar a loiça, nada!

De início a minha adaptação foi bastante complicada, pois não estava habituada a uma realidade como a acima descrita. Um bairro que se encontra inserido numa área urbana, no entanto existe uma fronteira muito grande nas relações entre os moradores locais e os moradores do bairro.

Embora não exista água para consumo



Ilustração 5 - Um dos moradores do Bairro das Terras da Costa transportando água

---

<sup>1</sup> A palavra disponibilizada encontra-se em aspas visto que, mesmo sendo pública, a fonte ficou cerca de cinco anos encerrada pela Junta de Freguesia da Costa de Caparica para evitar que os moradores do bairro Terras da Costa abastecessem as suas casas. Após várias solicitações destes moradores reabriram a fonte; que ainda mantém o estigma de a qualquer momento poder ser encerrada.

próprio, os moradores vivem durante os meses de inverno completamente alagados. Quando chove, tendo em conta a área de terra batida em que se encontram, o bairro fica completamente enlameado e com poças de água muito grandes perto das casas.

O estágio no Projeto FU iniciou-se no dia 15 de Outubro de 2012 e com ele a intenção de integrar em algumas das atividades que já eram desenvolvidas na Comunidade Bairro das Terras da Costa. Tive a oportunidade de poder assistir de perto e integrar-me em todas as tarefas propostas pelo Projeto FU embora, em diferentes escalas.

Uma das primeiras atividades que tive o prazer de poder observar e atuar foi na tarefa Alfabetização Crítica.



Ilustração 6 - Aula de Alfabetização

Segundo Freire (1981), a alfabetização não é a repetição mecânica das famílias silábicas, nem a memorização de uma palavra alienada, mas sim “a difícil aprendizagem de nomear o mundo” (p.39). Ainda segundo o mesmo autor, quando se aprende a ler e a escrever existe uma forte envolvimento entre a reflexão e a ação sobre a realidade onde os sujeitos se encontram envolvidos. Ou seja, é necessário que o educador e o educando trabalhem em conjunto de forma a “encontrarem” o que Freire designa por “palavras geradoras”. É seguindo esta linha de pensamento que as educadoras do Projeto FU atuam. Junto com os educandos, num processo dialógico, as educadoras encontravam palavras centrais do quotidiano dos mesmos e a partir delas, descobriam palavras novas.

As educandas são cabo-verdianas e as suas idades variam entre os 40 e os 70 anos de idade.

Enquanto observava as aulas tive o prazer de me aperceber que todas as educandas presentes revelam um desejo muito forte de aprender a ler e a escrever. As razões pelas quais o pretendem variam entre: poder assinar o cartão de cidadão, escrever uma carta ou até mesmo ler um contrato de trabalho. “Eu não queria morrer sem saber assinar o meu nome.” (Diário de campo dia 25 de Outubro de 2013 – voz da D. Vitória em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 1).

As aulas realizavam-se todas as segundas, quartas e sextas-feiras das 14h às 16h e das 17h às 19h. Esta experiência, ao longo de todo o estágio, foi bastante importante e enriquecedora, pois pude assistir à evolução, integração e, especialmente, à dedicação que todas as educandas demonstraram de aula para a aula. Participava ativamente nas aulas, ajudando no que fosse necessário.

Um dos dias mais marcantes para mim foi a 17 de Outubro de 2012. Neste dia, tive a oportunidade de dar uma aula sozinha a uma das educandas que chegou mais cedo do que era previsto com a justificativa de que tinha de ir trabalhar e não queria faltar a aula. Ao longo dessa sessão e, baseando-me no que já tinha assistido e lido, escrevi no caderno da educanda algumas palavras para que pudéssemos trabalhar. No entanto, esta educanda pediu-me para eu escrever o seu nome pois, era o que tinha mais dificuldades em escrever e era o que desejava saber melhor.

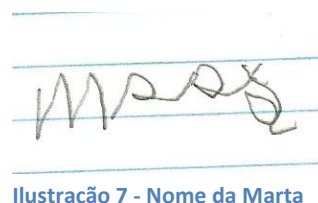


Ilustração 7 - Nome da Marta

Tive também a oportunidade de trabalhar sozinha com outra educanda, durante várias sessões. Embora as aulas sejam dadas em grupo, nem todas evidenciam o mesmo ritmo de trabalho e, como mencionado anteriormente na tarefa Alfabetização Crítica, “será adequada aos níveis e aos significados encontrados nos ciclos do trabalho de campo” (Projeto FU, 2010). Desta forma, enquanto as aulas decorriam, eu e esta educanda, que já desenvolvia muito bem a escrita e desejava evoluir na leitura, íamos lendo vários livros e tentando perceber de que se tratava a história.

Outra atividade de inserção proposta para o meu estágio foi na tarefa Histórias de Vida em parceria com o investigador Nuno Vieira. Esta tarefa tem como objetivo dar apoio e conhecer, como o próprio nome indica, as histórias de vida das comunidades

presentes no Projeto FU, bem como as histórias de vida de alguns membros das mesmas. Ainda foram realizados alguns encontros para a organização e compreensão do estado da arte desta tarefa, no entanto, esta ideia acabou por se desvanecer dando lugar a uma nova dedicação: uma participação ativa nas atividades da tarefa Cartografia Múltipla da Comunidade Bairro das Terras da Costa.

Como referido anteriormente, a tarefa Cartografia Múltipla passa por uma “atividade solicitada pelas comunidades locais (...) para fortalecer o auto-entendimento da situacionalidade dos membros das comunidades sob diferentes perspectivas: social, cultural, histórica, geográfica e política” (Projeto FU, 2010). Assim sendo, foi realizado um recenseamento local que passava por reorganizar os números das casas e saber quantos moradores habitam em cada uma delas, bem como as respetivas idades dos moradores e das casas.

Durante o recenseamento, foi divulgado o desejo, por parte de alguns moradores, de constituir uma Comissão de Bairro local. Este desejo passava pela necessidade de encontrar um grupo de moradores que pudesse representar todas as vozes existentes na Comunidade das Terras da Costa. No entanto, para que uma comissão fosse constituída era necessário que as pessoas compreendessem o processo de tal formação. É importante mencionar que tal processo foi constituído de forma democrática, de modo a clarificar que qualquer morador poderia candidatar-se à (às) lista (s) da comissão. Numa primeira fase, foi eleita uma pré-comissão, com membros da comunidade, para organizar e gerir todo o processo de eleição que estaria por vir.

Ainda dentro da fase do recenseamento foi desenvolvida uma ficha pela pré-comissão juntamente com os investigadores do Projeto FU. Com esta ficha, identificada como Ficha de Identificação dos Moradores – FIM (em Anexo\_Fichas\_Anexo 1), foi desenvolvido um processo de visita a todas as casas existentes na Comunidade das Terras da Costa. O objetivo central destas fichas era categorizar os moradores de forma a serem desenvolvidas listas de votação necessárias para um processo democrático de eleição.

Paralelamente, o Projeto FU desenvolveu uma Ficha de Identificação do Grau de Escolaridade – FIGE (em Anexo\_Fichas\_Anexo 2) com o propósito de identificar, caso os moradores desejassem (não sendo obrigatório o seu preenchimento mas sim

opcional), o grau de escolaridade de cada um, bem como conhecer o desejo de voltar a estudar. Participei ativamente na construção destas duas fichas, acima descritas.

Durante o processo de recolha de dados da Ficha FIGE, fui responsável pelo preenchimento e categorização dos dados encontrados. Este processo levou cerca de duas semanas, tendo sido desenvolvido com um dos moradores locais (que ocupa o cargo de Mediador Comunitário no Projeto FU). Foi percorrida toda a extensão da Comunidade Bairro das Terras da Costa, solicitando aos moradores o preenchimento da Ficha FIGE e, por muitas vezes, ajudando os membros a preenchê-la. Esta foi, sem dúvida, uma atividade muito vantajosa pelo facto de ter a oportunidade de conhecer todos os moradores e, ao mesmo tempo, dar-me a conhecer. Constatei o grau de escolaridade de cada um e, sempre que me era dada oportunidade, num processo dialógico, incentivei o não abandono escolar.

Após a realização do processo de recolha de dados foi afixada a lista final dos candidatos que iriam representar a Comissão de Bairro das Terras da Costa. Esta medida permitia que os moradores tivessem acesso aos nomes dos candidatos, tal como o dia em que as eleições iriam ser realizadas.

Tratando-se de um processo democrático, só se dirigia à mesa de voto quem fosse maior de idade e quem assim o desejasse. Ninguém era obrigado a ir votar caso não o pretendesse fazer.

A data de realização das eleições ficou estipulada em reunião comunitária (membros da comunidade, membros da pré-comissão e membros do Projeto FU) para dia 18 de Maio de 2013.

No dia das eleições, foi montada uma mesa de voto, previamente constituída por membros da Comunidade Bairro das Terras da Costa, membros do Projeto FU, bem como membros de parcerias desenvolvidas ao longo do Projeto FU. Respeitando todos os passos de uma eleição democrática nacional, no fim do dia, os votos foram contados e a adesão aos mesmos revelou-se quase unânime, pois nasceu a Comissão de Bairro com 99% dos votos.





Ilustração 8 - Comunidade Cigana a votar



Ilustração 9 - Comunidade Cabo-verdiana a votar



Ilustração 10 - Lista dos Votos

Foi durante o percurso de recolha dos dados das fichas FIGE que pude constatar que a maioria dos jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa havia largado os estudos há muito tempo e que muitos nem trabalhavam. Neste percurso começaram a surgir as mais diversas questões: Porquê? O que faziam do seu tempo? Estariam mesmo interessados em voltar a estudar, conforme responderam muitos jovens à ficha FIGE? O que poderia desenvolver com eles?

O trilhar da ficha FIGE fez com que um enorme desejo de estar com os jovens crescesse dentro de mim.

### **Jovens da Comunidade das Terras da Costa**

Numa das conversas com a minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Mônica, investigadora principal do Projeto FU, foi-me informado que muitos membros da Comunidade das Terras da Costa haviam solicitado uma intervenção sistemática com os jovens locais. O maior objetivo destas solicitações baseava-se no facto de os afastar de alguns caminhos que estes estariam a iniciar, especialmente no mundo das drogas.

Tendo acesso às fichas FIGE, como já havia sido referido, e tendo constatado que muitos dos jovens tinham abandonado os estudos, pelas mais diversas razões, as questões acima mencionadas fortificavam-se em mim e o mais importante ficava: O que poderia fazer com jovens locais que passam o dia todo encostados a um muro?; afinal o ponto de encontro destes jovens é um muro que se encontra de frente para a entrada principal, na localidade do grupo cultural cabo-verdiano. Para além do sol, este muro proporciona uma visão total do movimento de entrada e saída desta comunidade.

Os jovens, aqui descritos, são maioritariamente cabo-verdianos, com faixas etárias compreendidas entre os 20 e os 30 anos (existindo ainda um membro dos jovens com apenas 9 anos). São somente homens que se encontram encostados ao muro praticando, aparentemente, um ócio improdutivo <sup>2</sup> todos os dias.

Surge, então, por meio de diálogos com a minha orientadora, a ideia de desenvolver atividades com jovens através dos Círculos de Cultura, método desenvolvido por Paulo Freire e que já estava presente como uma atividade dentro da tarefa Alfabetização Crítica.

Formulei os meus objetivos principais, definindo a área de desenvolvimento em que iria trabalhar com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa, suportada pela questão: O que poderia desenvolver com os jovens para que não ficassem um dia inteiro encostados a um muro ou para que, simplesmente, tivessem consciência das suas atividades enquanto estavam encostados ao muro?

---

<sup>2</sup> Discussão mais abrangente do conceito Ócio no Capítulo II.



Apoiando-me nos objetivos gerais já traçados pelo Projeto FU: “Fazer ouvir as vozes multiculturais, promover encontros intra e interculturais; difundir a importância do auto-conhecimento e do conhecimento dos espaços onde se atua (...)” (Projeto FU, 2010), delineei os meus objetivos, sendo eles:

1. Promover uma interação diversificada entre os jovens locais;
2. Criar espaços para o diálogo fomentando a autonomia.

Ressalto que os objetivos, acima descritos, são delineados tendo em vista o fio condutor deste estudo, ou seja, a construção de um olhar numa dinâmica de respeito face à visão que os jovens locais possuem das realidades trazidas a diálogo.

Inicialmente comecei por pensar, juntamente com a minha orientadora e alguns moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa, com quem iria trabalhar “com”. Existem inúmeros jovens moradores desta comunidade com faixas etárias variantes entre os 13 e os 30 anos; seria muito difícil realizar atividades com todos. Desta forma, os Círculos de Cultura seriam desenvolvidos com os jovens entre os 24 e os 28 anos – que ficavam, ou não, encostados ao muro anteriormente referido.

Porém, mantinham-se algumas questões: De que forma é que iria dar início aos Círculos de Cultura? Como é que iria fazer para que os jovens me conhecessem melhor e construíssem estas atividades comigo?

Após algumas conversas com a minha orientadora e leituras incessantes sobre Círculo de Cultura, bem como baseando-nos no *site* do *Ted Talk*, na exposição *Before I Died* (Chang, C, 2012), surge a ideia de colocarmos pelo bairro três painéis com a frase “Antes de morrer eu quero...” com espaços em branco para que quem passasse, quer fosse morador ou não, escrevesse o que pretendia realizar antes de morrer.

Aproveitando essa ideia comecei a dirigir-me ao bairro Terras da Costa, mais cedo do que previsto no meu horário de estágio, para ir deambulando e cada vez que avistava um jovem partilhava com ele/ela a ideia de todos juntos realizarmos esses painéis. A aderência foi bastante positiva e aos poucos ia introduzindo a ideia de a partir do mês de Março de 2013 serem realizados encontros entre nós. Porém, a realização dos painéis acabou por não ser possível.

Como forma de captar a atenção dos mesmos, pensei que o melhor a fazer era iniciar os Círculos de Cultura com o visionamento de um filme, que fosse ao encontro do gosto dos jovens locais e, a partir do mesmo, realizar um debate onde, em momentos dialógicos, trocaríamos a nossa opinião sobre o filme assistido.

O principal objetivo dos Círculos de Cultura, neste contexto, passa por promover momentos diferenciados de relacionamento entre os jovens da comunidade em questão. Neste sentido, foram criados espaços para o diálogo, fomentando a autonomia e tentando fazer com que eles saíssem do “muro”. Com as atividades desenvolvidas, tive a oportunidade de, sobre a visão destes jovens, ter o meu olhar, ou seja, um olhar sobre a visão do outro – respeitando o propósito de poder olhá-los com outros olhos e não com os olhos dos outros!

Após ter sido delineada a área de desenvolvimento em que iria participar, bem como a atividade a construir, a minha procura pela teoria teve o seu início, aprofundando a revisão bibliográfica já realizada e reforçando os conceitos que foram surgindo em diálogo no processo de encontro entre nós – jovens.

## CAPÍTULO II – PROCURA PELA TEORIA

Neste capítulo, foco-me na procura de uma construção do conceito Olhar, tentando através da mesma dar a conhecer o que este significa, interpreta, revela, fascina e cria. Dou início a esta procura teórica convidando à seguinte reflexão: talvez não valha a pena esconder ou disfarçar o que a vida nos deu de maravilhoso e que as barreiras que nos dificultam à chegada de um olhar são apenas pequenos desafios para os mesmos serem entendidos. O objetivo, aqui proposto, não é envergar por uma discussão filosófica sobre um “simples olhar”, no entanto utilizo a filosofia como parte do discurso.

Num segundo momento, trago o conceito Ócio dando a conhecer o seu significado, bem como a forma como este pode ser olhado a partir das duas conceções trabalhadas neste momento. Os conceitos Criatividade e Coragem surgem como pontos centrais para discutir o Ócio.

Em seguida, como sujeitos existentes no mundo, discuto a importância da autonomia nas nossas vidas. Centro esta discussão no processo educativo, pois este é o foco maior deste estágio e abordo, sucintamente, a questão de igualdade de género no processo da autonomia.

Por fim, e devido ao ambiente multicultural vivenciado durante o estágio, não poderia, de todo, colocar a questão da cultura de parte. O conceito de Cultura, neste ambiente, a sua dimensão e os aspetos que este ocupa têm, para este caminho de reflexão, uma forte importância. Reflito, brevemente, sobre alguns conceitos que foram surgindo nos encontros vivenciados neste estágio, tais como: enculturação, aculturação, transculturalidade, interculturalidade, identidade cultural, representações sociais, expectativas, preconceitos e estereótipos.

### Um simples olhar

“Com certeza a imagem está no meu olho, mas eu, também estou na imagem.” (Lacan, 1979 citado Žižek, 2008 p.32).

Há quem diga que os olhos são o espelho da alma, que as emoções transportam uma grande parte de nós, que os sentimentos revelam quem nós somos de verdade e que a complementação destes mesmos três permite-nos sentir vivos.

Uma imagem vale mais que mil palavras, um olhar mais que mil gestos. Ao analisar o significado da palavra “olhar”, através de um dicionário de língua Portuguesa, encontramos a seguinte descrição: “fitar os olhos em..., mirar, estar voltado para..., considerar, atender a..., cuidar, tomar conta, observar, examinar, considerar.” (Dicionário Prático Ilustrado, 1958).

Porém, um olhar vai mais além de todos estes significados; não existe uma forma de definir o conceito Olhar. A procura de compreender este conceito, numa breve entrada no campo da Semântica, depara-se com o olhar inserido num sistema de signos – elementos que utilizamos para nos comunicar (Napoli, 2012), onde o significado e o significante apresentam-se como suas dimensões e, segundo Lacan (s.d.) citado em Napoli (2012), as relações entre estas dimensões variam de contexto em contexto.

Do ponto de vista lacaniano, “a capacidade de sermos diferentes do que somos não depende de nós, mas do Outro”. (Napoli, 2012)

Faz-se necessário dissertar que na teoria Lacaniana encontramos uma diferença entre as conceções das seguintes palavras: “outro” e “Outro”. Segundo Lacan (1968/69), o “outro” aparece como o sujeito – a imagem do eu, no registo do Imaginário<sup>3</sup>. Seguindo o mesmo autor, o “Outro” aparece como o sujeito do inconsciente – autónomo em relação ao sujeito, no registo do Simbólico<sup>4</sup>.

o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer. (Lacan, 1998, p.194).

Tudo surge da estrutura do significante; o que torna o olhar, enquanto elemento de comunicação, ponto fulcral para uma compreensão holística do ser. De acordo com Maciel (2010, p.2), enquanto significante, o ideal do eu é a marca à qual o sujeito se identifica a partir de um ponto eleito no campo do Outro de onde ele se vê como amado.

---

<sup>3</sup> Conceito trabalhado ainda neste capítulo.

<sup>4</sup> Conceito trabalhado ainda neste capítulo.

Para a interpretação do olhar, tudo o que nos disponibilizamos a ver pode ser interpretado da mesma maneira, ou não.

para responder ao enigma que se apresenta no encontro com a falta no Outro, o sujeito elege determinados significantes, a partir dos quais irá produzir um sentido que lhe dará o enquadre de sua existência. É por isso que Lacan nos diz que a interpretação não está aberta a todos os sentidos (...) O que ela visa é a série de significantes, cujo efeito faz surgir o sujeito da enunciação, na forma como ele é representado no campo do Outro. (Maciel, 2010 p. 3)

O sujeito, não interpretando o que é realmente, fica somente no que é “aparentado”, fantasiando sobre algo que muitas vezes, foge ao real; esquece-se, assim, que as aparências iludem. Assim sendo, a interpretação acaba por ser controversa pois, nem tudo é o que parece ser! E, como o próprio ditado indica: “pior cego é aquele que não quer ver”

a fantasia funciona como uma construção, uma trama imaginária que preenche o vazio, a abertura deixada pelo desejo do Outro: ao nos dar uma resposta clara à pergunta “que quer o Outro?” ela não permite escapar da situação insuportável e sem saída em que o Outro quer algo de nós, mas no qual ao mesmo tempo somos incapazes de traduzir esse desejo do Outro numa interpretação positiva numa missão que possamos nos identificar. (Žižek 1992, citado por Cabral & Catapani, 2003 p.12)

Numa análise cotidiana da fantasia humana só nos preocupamos com o que “queremos”, quando “queremos” e da forma que “queremos” agravando, ainda, onde “queremos”. Dependendo do espaço sociocultural, ou do estereótipo do sujeito, o nosso olhar muda adaptando-se às regras do sistema hegemónico no qual estamos inseridos. Tal adaptação, pode ou não, ser de forma bastante negativa causando, assim, “má interpretação da realidade” que, por vezes, nem tem o significado que nós pretendemos dar.

Reforçando a ideia que, muitas vezes, aquilo que o nosso olhar interpreta pode ser visto de diferentes formas, podendo mesmo ter vários significados, trago, aqui, o exemplo das nuvens. Posso estar deitada num lugar a olhar as nuvens que pairam no ar e tentar desvendar as figuras/formas que estas me revelam no céu infinito podendo assim criar, através da minha imaginação, a forma que eu desejar ver. No entanto, um outro

alguém, deitado no mesmo local onde eu me encontro, partilhando das mesmas nuvens e das mesmas formas, pode olhar imagens diferentes.

é claro que o viés filosófico a ser acrescentado é que a diferença observada não é simplesmente “subjetiva”, em razão do facto de que o mesmo objeto que existe “lá fora” é visto a partir de duas posturas ou pontos de vistas diferentes. Mais do que isso, como diria Hegel, sujeito e objeto são inerentemente “mediados”, de modo que uma mudança “epistemológica” do ponto de vista do sujeito [Olhar] sempre reflete a mudança “ontológica” do próprio objeto. Ou, para usar o lacanês, o olhar do sujeito é sempre-já inscrito no objeto percebido em si, sob o disfarce de seu “ponto cego”, que está “num objeto mais que o objeto em si”, ponto do qual o próprio objeto devolve o olhar. (Žižek, 2008, p.32)

Um simples olhar pode revelar inúmeros sentimentos como, por exemplo: raiva, alegria, tristeza, frustração, cansaço, ambição, paixão, inquietação, dedicação, entre muitos outros.

No entanto, estes olhares são visíveis, ou melhor, são dependentes da pré-disposição do outro para os entender, analisar e se for necessário ir ao encontro de. O nosso olhar, como refiro no início deste discurso, é o espelho da nossa alma e é através dele que nós podemos, ou não, revelar tudo o que estamos a sentir/viver. Recorrendo ainda à identificação imaginária é preciso ter em conta que esta é identificação “para um certo olhar do Outro” (Žižek 1992, citado por Cabral & Catapani, 2003 p.9). Ou seja, o sujeito vai desempenhando determinados comportamentos de forma a identificar-se com uma imagem que, segundo o mesmo, o torne digno de amor.

a identificação imaginária é a identificação com a imagem na qual nos parecemos passíveis de ser amados, representando (...) o que gostaríamos de ser, ao passo que a identificação simbólica se efetua em relação ao próprio lugar de onde somos observados, de onde nos olhamos de modo a parecermos amáveis a nós mesmas, merecedores de amor. (Žižek s.d, citado por Cabral & Catapani, 2003 p.8)

Desta forma, o nosso olhar acaba por revelar sentimentos se o sujeito estiver disposto para que tal aconteça. Segundo o mesmo autor,

a identificação geralmente é oculta e o mais interessante não precisa ser necessariamente uma identificação com uma característica que indique prestígio, beleza, aceitação. Pode-se estar identificado com aquilo que parece ou é considerado bizarro, feio, inaceitável (Žižek 1992, citado por Cabral & Catapani, 2003 p.8)

Muitas das vezes, não nos lembramos que o nosso exterior é uma defesa que não nos permite revelar o que realmente sentimos. Decidimos criar barreiras à nossa volta, não permitindo que olhos alheios nos ultrapassem e que vejam realmente o que temos a revelar. Porém, se eliminássemos essas defesas, se desmoronássemos as barreiras que criamos para uma simples proteção do coração, poderíamos permitir a identificação de tudo o que desejamos que seja revelado.

Sendo assim, não posso deixar de mencionar que o nosso olhar também fascina na medida em que sabemos da existência de segredos e, conforme já mencionado, na medida em que sabemos que naquele olhar pode conter inúmeras fantasias a serem reveladas. O que nos disponibilizamos a observar e a analisar pode transmitir uma visão total e completamente nova de algum assunto que achamos conhecer.

*“You think the only people who are people*

*Are the people who look and think like you*

*But if you walk the footsteps of a stranger*

*You'll learn things you never knew you never knew.”*

(Menken & Schhwartz, 1995)

Da análise desta frase pode pensar-se que ela transborda toda a razão e que apenas damos valor ao que está aqui mesmo, ao nosso lado, ao que pensa da mesma maneira, ao que é fácil, ao que não se opõe à nossa forma de viver: pensar, ver, sentir, explorar, entre outras. Esquece-se que a vida está cheia de mistérios que nos projetam para novos sonhos, diferentes olhares, bem como diferentes visões. Exercícios como abrir a mente, criar novos horizontes e acompanhar novas pegadas, podem nos levar a encontrar “*things you never knew*”. Estas surpresas podem nos marcar a vida, nos fazer rir e chorar, e fazer suspirar de tanta felicidade, deixando-nos completamente exaustos; felicidade esta que é entendida, aqui, como o encontro com os próprios processos entre os diferentes olhares e visões.

sou apologista da ideia de que devemos respirar fundo e arriscar, devemos perdermo-nos completamente de perdição e deixarmo-nos levar por fascínios, só assim encontraremos as respostas existentes ao longo da nossa caminhada. (Diário de Campo dia 29 de Janeiro de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 2)

Com o olhar, e as suas múltiplas interpretações aqui já discutidas, podemos criar. Criar novos projetos de vida, recriar a nós próprios, criar ferramentas para: o desenvolvimento das nossas capacidades, o reforço das nossas qualidades, conhecer as nossas limitações, desbravar os nossos problemas, as nossas barreiras e os nossos impedimentos de “voar mais alto”. Novos pontos de vista das coisas ajudam a criar novos caminhos, novas conquistas, novos saberes, a conhecer o meio envolvente e a ter cada vez mais a consciência de que todos nós partilhamos, dentro da nossa diversidade o mesmo espaço.

O diálogo entre o eu e o outro, existente na nossa rotina enquanto sujeitos sociais, a maneira como olhamos um para o outro e como estamos dispostos a crescer com esses olhares transmitidos dentro de nós é a maneira que levamos connosco no desenvolvimento da conquista de novas amizades, novos laços, novas paixões e novas convicções. É o eu conseguir ver através do Outro o que este deseja mostrar e que, assim, trarei para o meu olhar novas conceções do que antes eu pensava saber somente baseada na visão.

em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar (Lacan, 1964 p.74).

Nesta incessante procura por uma construção teórica dos conceitos Olhar, a observação dos diálogos existentes em nossas rotinas, reforça a ideia de que o ato de olhar acaba por ser uma fonte de alimento para comportamentos assentes na nossa sociedade. A diversidade intrínseca ao que o olhar significa, interpreta, revela, fascina e cria desenvolve valores que pré-determinam comportamentos, estruturando ações que devemos ou não ter nas rotinas das nossas vidas.

### **Ócio: Criatividade e Coragem**

O futuro pertence a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho como obrigação ou dever e for capaz de apostar num sistema de atividades, onde o trabalho se confundirá com o tempo livre, com o estudo e com o jogo, enfim, com o “ócio criativo. (De Masi,, 2000, p.7)



Na nossa vida todos nós possuímos uma rotina. Esta vai variando de sujeito para sujeito, de caso para caso, e está intrinsecamente ligada aos contextos socioculturais onde é vivida. Para uns essas rotinas são constantemente regulares, para outros não. No entanto, existe uma coisa que todos temos em comum, pois, por mais preenchido que o dia seja, existe sempre algum bocado livre. E, esse tempo é, usualmente, designado como ócio.

A palavra “ócio” significa não fazer nada, vem do latim *otiu* que representa por exemplo, uma folga do trabalho, dos estudos, é um momento de lazer, para aproveitar e descansar, um tempo vago para não fazer absolutamente nada, apenas relaxar e não pensar em nada. (Dicionário Prático Ilustrado, 1958). Porém, será que esse tempo é mesmo vazio? Ou seja, será que quando confrontados com essa situação não pensamos mesmo em nada? Será que podemos utilizar esse mesmo tempo de forma mais produtiva? Desenvolver uma parte criativa? Ou será que este tempo já é uma forma de produzir com criatividade?

Segundo De Masi (2010), existe um ócio dissipativo que nos faz sentir vazios e inúteis e um ócio que nos faz sentir livres e onde podemos produzir ideias necessárias ao desenvolvimento da sociedade, designado como ócio criativo.

a principal característica da atividade criativa é que ela praticamente não se destaque do jogo e do aprendizado, ficando cada vez mais difícil separar estas três dimensões (...). Quando trabalho, estudo e jogo coincidem, estamos diante daquela síntese exaltante que eu chamo “ócio criativo” (...). (De Masi, 2000 pp.16-17)

É com o surgimento de uma sociedade, caracterizada por De Masi (2011) como sendo pós- industrial, que assenta o seu paradigma. Segundo o mesmo autor, na época da sociedade industrial o foco principal centrava-se no físico, na produção em massa, no fazer. No entanto, na era pós-industrial, embora o físico continue a ser importante, este é acompanhado de criatividade.

a sociedade industrial era caracterizada pelo facto de que no centro do sistema existia a produção em grande série de bens materiais (...) a sociedade pós-industrial, ao contrário, da industrial no centro do seu sistema não coloca mais a produção de bens materiais mas sim a produção de bens imateriais que são os serviços, a informação, os símbolos, os valores, a estética. (De Masi, 2011).

Esta sociedade pós-industrial não vem só alterar o foco central da produção de bens materiais para a produção de bens imateriais – símbolos, valores, informações e serviços – como vem, também, trazer uma nova divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre.

Valores como a estética, a subjetividade, a feminilidade, a virtualidade, a flexibilidade, a descentralização e a motivação ganharam terreno em relação à racionalidade, à padronização, à produção em série, à massificação, ao controle, ao gigantismo e à centralização, aspetos privilegiados ao longo de todo o período precedente da sociedade industrial. A linha curva começava a seduzir mais do que a linha reta. (De Masi, 2003 p.5)

De Masi (2011), aborda um interessante exemplo de como, nesta sociedade pós-industrial, o tempo livre é demasiado existente mesmo que o não percebamos.

um jovem de vinte anos que viva até aos oitenta terá sessenta anos de vida que correspondem a 530 mil horas. Se o jovem trabalhar 70 mil horas e 230 mil forem utilizadas para cuidar de si no final, o mesmo jovem terá 230 mil horas de tempo vazio. (De Masi, 2011).

Mais importante que a distribuição do tempo de trabalho com o tempo livre foi a mudança dos valores base da sociedade em questão.

os valores da sociedade industrial eram a racionalidade, a eficiência, a hierarquia piramidal, e a economia de escala. Os valores emergentes da sociedade pós-industrial são completamente diversos são intelectuais- (...) a criatividade, a importância da estética, a importância da subjetividade contraposta à coletividade imperante na sociedade industrial, a emotividade contraposta à racionalidade que era própria da sociedade industrial, a desestruturação do tempo e do espaço, enquanto, na sociedade industrial, havia unidade de tempo e de lugar seja para o trabalho, seja para a família, seja para o tempo livre em geral e depois a importância extraordinária da qualidade de vida (De Masi, 2011).

Assim sendo, antigamente existia uma forte preocupação com a eficiência e com a excessiva necessidade de obtenção de resultados num curto espaço de tempo, não existindo margem para deixar fluir a criatividade do sujeito, o trabalho era mais físico e repetitivo. Na sociedade pós-industrial estes valores ainda se encontram presentes no

entanto, deixaram de ser majoritários sendo essa faixa ocupada por valores: subjetivos; emotivos; estéticos; e acima de tudo criativos.

subjetividade, emotividade, estética, são valores que durante a sociedade industrial o homem desprezou enquanto a mulher, ao contrário, cultivou (...) A criatividade torna-se o elemento essencial e modifica completamente a relação entre trabalho e tempo livre. Ou seja, enquanto quem faz um trabalho de características manuais, repetitivo, separa nitidamente as horas de trabalho das horas de tempo livre, enquanto que para o trabalhador criativo esta divisão não existe. (De Masi, 2011)

Desta forma, para alguém que exerce uma atividade criativa não existe tempo livre, nem existe tempo de trabalho, está tudo interligado. É uma atividade exercida com alegria, bem-estar e criatividade que não pode existir sem estética, ética e emotividade. (De Masi, 2011).

De acordo com De Masi (s.d), a criatividade é definida como “uma síntese entre a imaginação (com a qual se elaboram novas ideias) e a concretude (com a qual as novas ideias são traduzidas em realidade) ”.

Na perspectiva de May (1975), a sociedade atual está a atravessar fortes mudanças e compete às pessoas “escolherem” ficar à margem da situação ou desenvolver a coragem de criar uma sociedade melhor para todos. Segundo o autor acima mencionado, para que essa mudança seja possível é necessário coragem e criatividade.

coragem significa seguir em frente, mesmo quando parece impossível avançar. Esta coragem deve ser centrada no nosso próprio ser, que é a coragem de nossas convicções e subjacente a todas as outras virtudes e valores. Sem coragem não poderíamos existir ou transformar a nossa sociedade, ou nós mesmos. (May, 1975 p.9)

May (1975) caracteriza quatro tipos de coragem:

1) A Coragem Física: que não lida com os músculos ou violência, mas com o corpo como uma forma de cultivar empatia e simpatia;

2) A Coragem Moral: que toma uma posição contra a violência de qualquer tipo: físico, moral, espiritual e psicológico. A forma mais frequentemente experimentada de covardia é a declaração: "Eu não me queria envolver.";

3) A Coragem Social: que inclui arriscar-se para alcançar a intimidade significativa, a investir tempo na pessoa, as emoções, a energia ao longo do tempo, a fim de desenvolver relacionamentos. É a coragem de suportar o medo da autonomia, abandono e autorrealização. É também a coragem de enfrentar o medo de ser totalmente absorvido pelo outro;

4) A Coragem Criativa: que inclui a descoberta e a valorização de novas formas, ideias, padrões e símbolos. É a coragem de desafiar a morte, não negando a morte física, mas indo além dos produtos dos nossos atos criativos. Coragem significa ver a morte como uma injustiça e lutar contra ela.

Esta coragem criativa acaba por se transformar na mais importante de todas, pois ela é a responsável por novos descobrimentos; desde que o sujeito permita que isso aconteça. É necessário que o sujeito consiga sair das paredes que o prendem e deixe fluir o seu pensamento criativo. Reforçando essa ideia é necessário também ter em consideração que fatores exteriores podem influenciar a criatividade.

fatores como estilos de pensamento, características de personalidade, valores e motivações pessoais influenciam a expressão da criatividade. (...) Factores de ordem sócio-cultural, como valores e normas da sociedade, também contribuem de forma considerável para a emergência, reconhecimento e cultivo da criatividade ou, pelo contrário, para sua repressão.(Alencar & Fleith, 2003 p.64).

Assim sendo, existem inúmeros fatores que podem influenciar a criatividade quer seja para esta expandir, dando lugar a novos pensamentos e descobertas, quer seja para esta ser reprimida, dando lugar a um ócio dissipativo e um *closed space* (Mesquita, 2008). O importante, em especial no campo da Educação, é criar espaços abertos para que todo o processo de expansão da criatividade se efetue de maneira dialógica tendo sempre em vista o desenvolvimento holístico da sociedade e, conseqüentemente, de si próprio - abrindo caminhos para a autonomia do sujeito.

## **Autonomia e Processo Educativo**

mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (Freire, 1996 p.41)

A educação é um campo bastante amplo e que comporta uma forte mistura entre o educar e o aprender.

a educação passa por todo um processo onde os educadores, quer sejam estes pais, professores, amigos, entre outros, sejam capazes de ajudar o aluno a compreender os conhecimentos expostos para que num futuro esses mesmos possam adaptar esses conhecimentos no dia-a-dia. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 1996 p.12).

No entanto, é necessário que o educador possua a consciência de que ensinar não é um processo tão simples quanto imaginado. Para que esta prática se concretize é necessário que se possua inúmeros fatores como: empenho, responsabilidade, ambição, humanismo, gosto pessoal, entre outros. Um dos primeiros fatores que o educador deve possuir é uma responsabilidade ética.

a ética que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na prevenção hipócrita da pureza em puritanismo. A ética que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raças, de género, de classe. É por esta ética inseparável da prática, jovens ou com adultos que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática (...) na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos. (...) Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. (Freire, 1996 pp. 7-8)

Segundo Freire (1996), outros fatores que os educadores devem ter consciência é que educar é um processo dialógico, que visa a emancipação e não a submissão.

não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (...) Ensinar não é transferir conhecimento- não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (...) Segura de si, a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre sua existência, sobre si mesma. (...) Segura de si, ela é por que tem autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria. (Freire,1996 pp.12-27-56)

Desta forma, ensinar exige uma data de fatores que os educadores devem ter presente, de forma a tornar as suas práticas muito mais eficientes respeitando sempre o conhecimento que o próprio educando traz para dentro da sala de aula tentando fazer com que este se torne autónomo.

Segundo Lalande (1999), citado por Zatti (2007), “etimologicamente autonomia é a condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural, que determina ela mesma a lei à qual se submete” (p.12). No entanto, existem sujeitos que não pensam por si, ou melhor, têm medo de o fazer, não discutem assuntos que sejam do seu interesse seguindo o pensamento de outro – esses sujeitos revelam-se pouco autónomos. Parte-se, aqui, de um pressuposto que o sujeito que seja autónomo seja capaz de libertar-se das “correntes” que o prendam e consiga falar por si, pensar por si e agir por si – coresponsabilizando-se pelos seus atos.

Como a autonomia é “condição”, como ela se dá no mundo e não apenas na consciência dos sujeitos, sua construção envolve dois aspetos: o poder de determinar a própria lei e também o poder ou capacidade de realizar. O primeiro aspeto está ligado à liberdade e ao poder de conceber, fantasiar, imaginar, decidir, e o segundo ao poder ou capacidade de fazer. Para que haja autonomia os dois aspetos devem estar presentes, e o pensar autónomo precisa ser também fazer autónomo. O fazer não acontece fora do mundo, portanto está cerceado pelas leis naturais, pelas leis civis, pelas convenções sociais, pelos outros, etc, ou seja, a autonomia é limitada por condicionamentos, não é absoluta. (Zatti,, 2007 p.12)

Desta forma, e segundo Freire (1996), é necessário ter presente que ensinar exige respeito aos saberes do educando pois, é importante valorizar os chamados “conhecimentos de rua” ou seja, aqueles conhecimentos que o sujeito adquire com as experiências de vida e os misturam com novas realidades envolventes. Muitos destes conhecimentos são cruciais para conseguir perceber: inseguranças, frustrações, paixões

e ambições dos sujeitos, pois são conhecimentos vivenciados, adquiridos ao longo da vida por experiência própria. Ao mesmo tempo, estes conhecimentos de rua dão voz ao sujeito para poder falar abertamente e pensar por eles, e revelam como é importante que essas experiências e vivências sejam compartilhadas.

porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e dos baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (Freire, 1996 p.16)

Numa procura crítica pela autonomia, num processo educativo, todo o conhecimento do sujeito deve ser reconhecido, e os conceitos de ética e estética aparecem como estruturantes. Segundo Freire (1996), “a criticidade não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (p.18). Nós somos seres éticos e faz-se importante ter-se sempre isso em conta.

só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. (Freire, 1996 p.18)

O saber escutar é premissa básica nas relações de respeito do ser humano. Eu respeito o outro e o outro respeita-me a mim se nos soubermos escutar. A humildade de ouvir o que o outro tem para dizer é essencial nas nossas relações.

se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha. Nem tampouco escuto quem fala ou escreve fora dos padrões da gramática dominante. (Freire, 1996 p.76)

Tal como o saber escutar, o saber dialogar é outro aspeto extremamente importante na vida dos sujeitos (quer este seja através da fala, do olhar ou dos gestos) e indispensável para que exista uma relação de expansão no processo educativo entre os mesmos.

como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o "maior". (...)Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria existência de que, se minha

inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.(Freire, 1996, pp. 85-86).

De forma a poder criar um espaço aberto, que possa favorecer ainda mais o diálogo trocado não só entre o educador e o educando como também entre os vários educandos presentes, o educador precisa contextualizar culturalmente o espaço envolvente. Um dos pontos imprescindíveis a focar, nesta contextualização, é a questão da igualdade de género dos educandos.

Na cultura ocidental, eurocêntrica, a mulher era vista como submissa perante o homem e o seu “dever” era ser educada para ser a perfeita dona de casa e a mãe perfeita enquanto o homem ia trabalhar e ganhar o sustento. No entanto, em meados do século XIX, com a crescente industrialização, as mulheres começam a ter voz e provam que são tão ativas e importantes no desenvolvimento da sociedade como os homens, reclamando para si os mesmos direitos. Porém, nos dias de hoje ainda encontramos em muitas culturas uma acentuada diferença nos géneros.

o conceito de igualdade está associado à justiça e à imparcialidade. É o princípio de organização social segundo o qual todos os indivíduos devem ter os mesmos direitos, deveres, privilégios e oportunidades. O género, por sua vez, é uma classe ou tipo que permite agrupar os seres que têm uma ou várias características em comum. Por igualdade de géneros entende-se a defesa da igualdade do homem e da mulher no controlo e no uso dos bens e serviços da sociedade. Implica, portanto, abolir a discriminação entre ambos os sexos e que não seja favorecido o homem em nenhum aspeto da vida social, tal como era frequente há algumas décadas na maior parte das sociedades ocidentais. (<http://conceito.de/igualdade-de-generos>)

Ao mesmo tempo, e apoiando-me no Caderno Prático para a Integração da Igualdade de Género, a relação de género caracteriza-se por:

- Ser diferente de cultura para cultura, de religião para religião, ou de uma sociedade para outra;
- Ser influenciada por diferentes fatores, tais como: a etnia, a classe social, a condição e a situação das mulheres;
- Evoluir no tempo;
- Ser dinâmica e estar no centro das relações sociais;



- Distinguir-se pela sua desigualdade, havendo uma hierarquização dos géneros, pela qual os homens têm um lugar privilegiado em relação às mulheres.

Tais considerações sobre igualdade de género, num processo educativo, faz-se extremamente relevante para que possa ser criado um espaço de expansão. O educador, visando a autonomia do educando, necessita ter consideração pela profundidade e flexibilidade deste conceito – género, e ter noção que é um conceito formatador no processo educativo.

o conceito de género ratifica que biologia não é destino, ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminina, pois estes significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e género. Consequentemente, a construção e as expressões da masculinidade e da feminilidade são variáveis e plurais no espaço (conforme a classe social, religião, etnia, região) e no tempo (conforme a época histórica e a fase da vida individual). Assim, feminilidade e masculinidade não têm significado fixo: são representações sujeitas a disputas políticas pela atribuição de significados. (Carvalho, s.d. p.1)

A profundidade e a flexibilidade do conceito género remetem para o pensamento de que o mesmo não é, somente, socialmente construído mas, também, culturalmente. A construção cultural mostra-se fulcral nos processos educativos, não sendo somente o conceito de género a ser considerado pelo educador mas qualquer conceito que esteja na base das relações de respeito do ser humano.

### **Cultura em movimento**

O termo cultura é bastante ambíguo e seu conceito é, primeiramente, desenvolvido nas ciências sociais. Este tem como características: a língua, a tradição, os valores, os hábitos, os ritos (algo típico da cultura), os rituais (vários padrões, várias junções de ritos), as crenças, a religião, as diferenças e as semelhanças, etc..

Segundo Bosi citado por Silva, & Silva (2006)

Cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Mas para haver cultura é preciso antes que exista também uma consciência coletiva que, a

partir da vida cotidiana, elabore os planos para o futuro da comunidade. Tal definição dá à cultura um significado muito próximo do ato de educar. (Silva, & Silva, 2006 )

A cultura não se opera sozinha e é necessário que exista uma continuação; é um processo que, através da vida em sociedade, vai-se transformando e aprendendo. No entanto, face a um ambiente multicultural certos hábitos podem ser substituídos, aprendidos ou até mesmo esquecidos, podendo passar por processos de enculturação e aculturação, bem como por movimentos transculturais e interculturais.

A enculturação é um processo educativo através do qual os sujeitos apreendem os elementos da sua cultura, quer informal, quer formalmente.

este processo acontece informalmente de um modo contínuo, seja consciente ou inconscientemente pois, processa-se essencialmente pela imitação e pelo envolvimento com grupos espontâneos, e não instituições sociais. (Criar Mundos, 2004)

Desta forma, podemos discutir a enculturação como um processo informal em que os sujeitos se apropriam da sua cultura: aprendem, geracionalmente, todos os ritos e rituais dessa mesma cultura, não sendo influenciada por fatores externos.

Porém, a enculturação pode ser discutida do ponto de vista do processo formal. Segundo Bishop (1999), a escola é um espaço formal onde a enculturação é exercida, tendo a normatização e a obrigatoriedade como aspetos fundamentais.

A aculturação é definida por Redfield & Herskovits (1938) citado em Dias (2005) como sendo “o fenómeno que resulta quando grupos de indivíduos detentores de diferentes culturas atravessam períodos de contacto direto, com consequências nos padrões da cultura de um ou ambos os grupos”. Podemos considerar a aculturação como um fenómeno que tanto pode ser analisado segundo as seguintes perspetivas: psicológica, antropológica e sociológica.

Em 1880 surge, pela primeira vez, o termo aculturação proposto por John Wesley Powell. Segundo Sam & Berry (2006 p.12), a aculturação, numa vertente mais psicológica, define-se como sendo “alterações psicológicas introduzidas pelo processo de imitação.” Não obstante, e seguindo uma visão mais antropológica, surge em 1898 uma nova definição de aculturação proposta por McGee citado em Sam, & Berry (2006

p.13) que define a aculturação como “um processo de troca e desenvolvimento mútuo através do qual as sociedades evoluem do estado selvagem, para a civilização e iluminismo.” Por outro lado, e seguindo uma vertente mais sociológica, surge em 1901 uma definição proposta por Simons citado em Sam & Berry (2006 p.13) considerando a aculturação como um processo de duas vias de “acomodação recíproca”.

Berry *et al.* (2006) distinguem quatro estratégias de aculturação: a integração, a assimilação, a separação e a marginalização que permitiram aos sujeitos a adaptação na nova sociedade de acolhimento.

- 1) Assimilação: dá-se quando o sujeito renega a sua cultura de origem e opta por se identificar com a do país de acolhimento;
- 2) Separação: ocorre quando o sujeito deseja manter a sua cultura de origem e não deseja interagir com outras culturas;
- 3) Integração: que se dá quando o sujeito procura, em simultâneo, manter a sua cultura original e ter ao mesmo tempo interações com os outros grupos sociais;
- 4) Marginalização: que ocorre quando os sujeitos evidenciam pouco interesse quer na manutenção cultural, quer nas interações com os outros grupos culturais.

De acordo com Redfield *et al.* (1936) citado em Sam (2006), o processo de aculturação possui três elementos fundamentais sendo eles: o Contacto que se define como contínuo e direto, ou seja, os sujeitos ou grupos interagem durante um período de tempo prolongado e dentro do mesmo espaço e tempo; a Influência recíproca onde ambos os grupos influenciam-se mutuamente, exercendo um dos grupos geralmente maior influência sobre o outro; e, por fim, a Mudança que se identifica por ser um aspeto intrínseco do contacto e que envolve um processo dinâmico e um resultado mais ou menos estável.

O movimento transcultural, “é o processo pelo qual um fenómeno passa de uma cultura para a outra, dizendo por isso respeito aos contatos e cruzamentos de culturas diferentes.” (Criar Mundos, 2004). Desta forma, podemos falar em transculturalidade quando os mesmos fenómenos se passam em várias culturas.

No mundo em que vivemos existem diversas culturas, bem como diversas formas de encontros culturais, que procuram continuidade e desenvolvimento e cabe a cada sujeito preservá-las. Para que tal seja possível, cada sujeito vai-se apropriando da cultura, quer seja da vivenciada em espaços fechados ou em espaços abertos – espaço de encontros. Faz-se importante ressaltar o respeito necessário, por parte do sujeito, nestes encontros.

em todo universo cultural, há regras que possibilitam aos indivíduos viver em sociedade; nessa perspectiva, cultura envolve todo o dia-a-dia dos indivíduos. Assim, os seres humanos só vivem em sociedade devido à cultura (...)A função da cultura, dessa forma, é, entre outras coisas, permitir a adaptação do indivíduo ao meio social e natural em que vive. E é por meio da herança cultural que os indivíduos podem se comunicar uns com os outros, não apenas por meio da linguagem, mas também por formas de comportamento. Isso significa que as pessoas compreendem quais os sentimentos e as intenções das outras porque conhecem as regras culturais de comportamento em sua sociedade. (Silva& Silva, 2006).

É importante, ainda, referir que a cultura é um processo dinâmico e que se vai transformando ao longo dos tempos, dependendo do desenvolvimento do ser humano e do movimento intercultural – relação existente entre as várias culturas:

fenómeno da natureza tanto vertical (em termos socioeconómicos ou intelectuais) quanto horizontais (em termos espaciais ou temporais). Desse ponto de vista, é possível ainda dizer que, no movimento reverso, a interculturalidade predispõe os indivíduos a se assumirem como a medida de todas as coisas, de maneira que possam imprimir o seu ritmo à marcha do mundo (Kashimoto, Marinho, & Russeff, I 2002 p.35).

O movimento intercultural acentua-se como uma ferramenta indispensável na promoção de processos educativos abertos quando visam a autonomia coresponsabilizada dos sujeitos envolvidos, bem como quando fomentam as relações de respeito dos mesmos.

Na relação existente entre várias culturas surge, também, o discurso sobre o conceito de Identidade Cultural. O conceito Identidade tem tomado proporções cada vez mais elevadas nos dias de hoje. Todo o sujeito possui uma identidade própria, é ela que nos faz ser quem somos, que nos identifica e que nos caracteriza.

Segundo Hall (1999) o termo identidade é, hoje em dia, um conceito de utilização generalizada e de debate nos vários ramos das Ciências Sociais – facto que confere uma forte complexidade à sua definição. Este conceito deve ser lembrado tanto pela sua complexidade, quanto pela sua imprevisibilidade – devido ao facto de não se poder prever o comportamento humano.

As antigas identidades que estabilizaram o mundo social ao longo de tantos anos, segundo Hall (1999) estão em declínio, dando lugar a novas identidades e, por consequência, acabando por “fragmentar” o sujeito considerado antigamente como um “ser” unificado.

Surge assim a chamada “crise de identidade” que, segundo Mercer (1990) citado em Hall (1999, p.43), quando algo supostamente fixo, coerente, estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, fragmenta-se a identidade, deslocando-a para uma situação de crise.

Neste movimento de fragmentação, Hall (1999) distingue três concepções da identidade, sendo elas: o sujeito do iluminismo “que se baseava numa concepção do sujeito totalmente centrado e unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação”(p.11); o sujeito do sociológico que reflete a complexidade do mundo moderno e procura a compreensão de que o “núcleo interior do sujeito não era autónomo e autossuficiente, mas formado em relação a outros significantes, que mediavam o sujeito pelos valores significados e símbolos - a cultura”(p.13); por fim, surge o sujeito pós-moderno “conceituado como isento de identidade fixa, permanente ou essencial.” (p.15).

A identidade torna-se assim uma festa-móvel formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados ou tratados nos sistemas culturais que nos circundam. (Hall, S. 1999, p.16).

Aparece, assim, a identidade como um sentimento de um grupo, de uma cultura ou de um sujeito – na medida em que ele é influenciado pela sua pertença a um grupo ou cultura.

Segundo Hall (1999), uma identidade cultural enfatiza aspetos relacionados com a nossa pertença: as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ao analisar a questão, este autor focaliza, particularmente, as identidades

culturais referenciadas às culturas nacionais. “A nação é além de uma entidade política – o Estado – um sistema de representação cultural. (Hall, 1999, p.18)

Desta forma, quando nos referimos ao conceito de Identidade não nos apercebemos que o termo representa uma infinidade de aspetos inerentes à nossa vida e, ao invés de falarmos de identidade como algo concluído, deveríamos falar de identificação, como processo em andamento. Sendo assim, a identidade é algo que não tem um conceito próprio, ela é inata ao ser humano, é o que o faz ser quem é.

Vivemos numa sociedade de fortes mudanças que acabam por influenciar as nossas crenças, valores e, por vezes, a nossa maneira de ver o mundo. No entanto, o que somos, e o que vamos construindo ao longo da nossa vida é nosso - é o que nos torna autênticos e únicos. Porém, certos atos ou condutas podem levar a que os restantes sujeitos criem imagens sobre nós, ou que olhem para nós de forma mais ou menos positiva – criando representações sociais, expectativas, preconceitos e estereótipos.

As imagens, acima mencionadas, possuem um carácter bastante forte sobre o sujeito., fazendo com que as representações sociais, as expectativas, os preconceitos e os estereótipos mereçam uma breve discussão.

Segundo Durkheim (1987) citado por Horochovski (2004), as representações sociais, ou conforme identificado pelo autor, as representações coletivas:

(...) traduzem é a maneira pela qual o grupo se avalia a si mesmo na relação com os objetos que o afetam. O grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que os afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas. É preciso, então, considerar a natureza social e não a individual e possuir a noção de que o mundo todo é feito de representações (Horochovski, 2004 p.94),

As representações sociais baseiam-se em crenças, influenciadas pelo contexto e experiência, e são sócio e culturalmente construídas. Difíceis de alterar, as representações são trazidas, aqui, como, dinâmicas e dialéticas (influenciam-se) e partilhadas por um grupo num determinado espaço e tempo.

No que respeita às expectativas, segundo o dicionário Prático Ilustrado (1958), são definidas como ato ou efeito de esperar, esperança baseada em supostos direitos,

probabilidades, pressupostos ou promessas, ação ou atitude de esperar por algo ou por alguém. Desta forma, as expectativas acabam por ser todas as percepções que fazemos sobre algo, ou alguém, ao longo da nossa vida – são ideias que podemos conceber sobre tudo o que pode acontecer ou, até mesmo, sobre as ideias que tomamos.

As expectativas que eu crio em relação ao outro, ou que o outro cria em relação a mim, de certa forma vão acabar por influenciar a nossa interação social como, por exemplo: se eu estiver à espera que determinada pessoa se comporte de forma exemplar e se esse meu desejo for extremamente forte, a ideia acaba por ser transmitida (de forma indireta) e a pessoa, querendo corresponder a essa minha expectativa, acabará por se comportar desta forma.

Por fim, o preconceito e o estereótipo são conceitos que acabam por se completar. Enquanto o preconceito se define como uma ideia geralmente negativa, que passa de geração em geração, podendo não existir nada que o comprove mas, que no entanto, leva muito tempo para que deixe de existir – nem sempre é lógico, o estereótipo parte de uma crença de que um traço é característico de um determinado grupo ou sujeito.<sup>5</sup>

As imagens, aqui trazidas, firmam a impossibilidade de se pensar em encontros de culturas sem se pensar nestes quatro conceitos. A relevância da relação de respeito entre as culturas passa pela necessidade da compreensão das representações sociais, das expectativas, dos preconceitos e dos estereótipos de cada sujeito envolvido neste encontro. Tal compreensão possibilita uma visão holística sobre o sujeito.

Na procura por um quadro teórico que promova um espaço aberto com uma visão holística, num processo educativo, a autonomia é uma das condições que o educador deve ter presente em sua relação com o educando. Neste espaço de emancipação, o educando liberto não teme o debate, mostrando coragem. O processo dialógico promovido neste espaço de emancipação favorece uma análise da realidade, via uma discussão criadora, evidenciando, assim, a criatividade. Desta forma é possível chegar a um simples olhar, podendo ter como ponto transversal um olhar sobre a visão do outro.

---

<sup>5</sup> Unidade Curricular de Educação e Multiculturalidade (Apontamentos). Prof.<sup>a</sup> Doutora Margarida Cesár. IE, 2011

### **CAPÍTULO III – O ENCONTRO DA PRÁTICA**

Ao longo deste capítulo, apresento a forma como foram estruturados os Círculos de Cultura – método desenvolvido pelo educador/investigador Paulo Freire nos anos 70. A razão pela qual esta parte teórica se enquadra neste capítulo, ao invés do Capítulo II, prende-se com o facto de os Círculos de Cultura serem uma mera “ferramenta” na construção do meu olhar sobre a visão dos jovens com quem trabalhei. Como tal, num primeiro momento, apresento o conceito de Círculo de Cultura e, seguidamente, o tema transversal que foi trabalhado para as respetivas sessões.

Num segundo momento, apresento as sessões – atividades desenvolvidas no estágio, a forma como estas se encontram estruturadas e o fruto de cada uma.

Por fim, apresento uma pequena conclusão de todos os Círculos de Cultura, realizados com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa, destacando os pontos transversais. Estes decorrem das análises das práticas envolventes descritas no subcapítulo das sessões.

#### **Círculo de Cultura**

A possibilidade humana de existir — forma acrescida de ser — mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje (Freire2001 citado em Padilha, s.d).

O meu período de socialização, ao longo destes meses de estágio, tornou a possibilidade de desenvolver atividades com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa extremamente empolgante. Não só possuía uma curiosidade imensa de trabalhar com eles como também me preocupava o facto de eles ficarem todos os dias encostados a um muro. Foram pensadas diversas atividades e, quando a ideia de realizar Círculos de Cultura com os jovens surgiu, achei que seria algo bastante produtivo, não só para mim bem como para os jovens desta comunidade, pois como o próprio nome indica:



”círculo”, porque todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não têm um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates que, como um companheiro alfabetizado, participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem (...) “De cultura”, porque, muito mais do que o aprendizado individual de “saber ler-e-escrever” o que o círculo produz são modos próprios novos, solidários, coletivos, de pensar.(Brandão, 1983 p. 43).

Segundo Brandão (1983), círculo de cultura é uma ideia que substitui as salas de aula tradicionais. Onde não existe um professor mas sim um animador de discussões (alfabetizado) que participa na atividade onde todos ouvem e todos aprendem.

quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (...) ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (Freire, 1996, p.12)

Ao mesmo tempo, é importante salientar que para Freire (1981), existe uma combinação entre o homem *no* mundo e o homem *com* o mundo. Natureza e cultura. Daí os círculos serem chamados de cultura e não outro nome qualquer.

através do debate (...), em que se discute o homem como um ser de relações, se chega à distinção entre os dois mundos – o da natureza e o da cultura. (...) Só assim a alfabetização cobra sentido. É a sequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre a sua própria capacidade de refletir. Sobre a sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa de ser assim algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação.(Brandão, 1983, pp.45-49).

A tarefa mais complicada foi tentar perceber de que forma é que daria início aos Círculos de Cultura ou seja, como é que conseguiria fazer com que os jovens se interessassem por esta atividade.

é fundamental que o animador preserve o espírito de diálogo e participação (...) é importante que o grupo não apenas participe, como uma espécie de coro que segue e repete o solo do animador. É preciso que haja sempre o que Paulo Freire chamou um dia de “participação criadora” (...) o animador deve sempre evitar fazer para ou por. Deve criar as situações em que, com a sua ajuda, o grupo faça o trabalho de pensar, de refletir coletivamente. Por isso ele não guia, mas favorece, orienta. (Brandão, 1983, pp.50-51).

Na verdade, a grande preocupação centrava-se em como desenvolver um espaço aberto onde a participação criadora, conforme é trazida por Brandão na citação acima, se fundamenta num processo dialógico e numa análise da realidade vivida pelos jovens (incluindo eu). Contudo, existia uma preocupação prévia em se desenvolver uma atividade com eles e não para eles, ou seja, uma atividade que eles desejassem desenvolver num processo de construção coletiva.

os participantes do diálogo no círculo de cultura não são uma minoria de aristocratas dedicada à especulação, mas homens do povo. Homens para os quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome. (Freire 1967, p.6)

Da prática vivenciada no bairro Terras da Costa, conforme explicitada no Capítulo I – Socialização, observei que a música, a dança e o cinema eram o foco central no discurso dos jovens locais. Sendo assim, num primeiro desenho, fundamentada também nas minhas leituras, pensei em partilhar com os jovens a ideia de assistirmos e debatermos sobre alguns filmes no espaço localmente definido como escola do Bairro – local onde a tarefa Alfabetização Crítica, do Projeto FU, se desenvolvia. Ao longo de vários dias, fui partilhando com os jovens esta ideia, na qual se mostraram bastante interessados.

O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem. (Freire, 1967, p.7)

No levantamento da temática do filme inaugural optei por trabalharmos um filme em português: *A esperança está onde menos se espera*. Este filme pareceu-me bastante adequado pois conta a história de um jovem que sempre teve uma condição social privilegiada e que de um momento para o outro, se vê obrigado a mudar de vida, passando de um colégio privado para uma escola pública com colegas provenientes de um bairro social. Ao longo do seu caminho, ele vai descobrir que o importante não é o

que a pessoa veste ou que a pessoa tem, mas o que está dentro dos corações – o que a pessoa é.

Porém, a aderência ao filme não foi muita e a razão deveu-se sobretudo à extensão do mesmo. Num processo dialógico com um dos jovens que participou no primeiro Círculo de Cultura – Daniel, foi-me sugerido que trabalhasse, por exemplo, com uma série ao invés de um filme de longa metragem, com episódios mais curtos e contínuos. Este jovem sugere, ainda, que a série poderia ser interpretada por jovens com problemas do dia-a-dia que pudessem, de certa forma, serem identificados com alguns problemas existentes no bairro Terras da Costa.

Após um período de pesquisa e diálogos, surge a série intitulada *A Cidade dos Homens* – uma criação da mesma equipe da premiada longa metragem *Cidade de Deus*, interpretada pelos mesmos atores. Esta série é composta por quatro temporadas, cada uma com cinco episódios. A temporada escolhida foi a terceira.

A terceira temporada da série *A Cidade dos Homens* trata da vida de dois jovens que habitam numa favela da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Acerola (Douglas Silva) e Laranjinha (Darlan Cunha) têm 16 anos e ensaiam, nesta temporada, os primeiros passos na vida adulta. É importante realçar que apesar das idades das personagens Acerola e Laranjinha não corresponderem à faixa etária dos jovens que se propunham a frequentar os Círculos de Cultura, as situações vividas destas personagens, face aos primeiros passos da vida adulta, eram pontos transversais.

Misturando drama e comédia, a terceira temporada revela situações variadas do dia-a-dia das favelas cariocas. Nos episódios desta temporada, Acerola e Laranjinha perdem a virgindade; Laranjinha vivencia de perto o narcotráfico; ambos conhecem o rap paulista; e encaram a luta do primeiro emprego juntos. Porém, a formação da nova família por parte do Acerola – movimento transversal a toda a temporada, foi o ponto crucial para que a escolha desta fosse feita. Nunca assisti antecipadamente a nenhum dos episódios para que não corresse o risco de criar qualquer tipo de estereótipo ou preconceito no meu diálogo com os jovens.

Para apresentar os Círculos de Cultura neste trabalho, estruturei cada encontro em seis pontos, sendo eles:

1) **Categorização:** ponto onde exponho o dia, o local, os horários, os participantes e o título do filme a ser tratado;

2) **Envolvimento:** ponto onde explico o início de cada sessão. É o momento onde dou a conhecer o título do filme e proporciono um ambiente de convívio, relaxando com conversas informais do nosso dia-a-dia, antes de iniciarmos o visionamento do filme;

3) **Exposição do filme:** ponto onde apresento o resumo do filme a assistir. Saliento que tal apresentação nunca foi feita aos jovens, tal como se encontra acima referido. Compreendi que seria melhor assistir à série juntamente com jovens para que não fosse criado qualquer tipo de expectativa da minha parte, deixando-os mais à vontade para iniciarem o seu discurso, quando achassem mais oportuno. No entanto senti a necessidade de explicitar este ponto nesta apresentação como forma de contextualizar cada filme da série para uma melhor compreensão das ideias que foram trocadas durante a sessão;

4) **Visão do Outro:** ponto onde, através das notas de campo, apresento o processo dialógico trocado durante as sessões a partir das (ou durante as) cenas assistidas revelando, assim, um olhar sobre a visão do outro. Neste ponto, identifico a voz dos jovens em *itálico* e a minha a **negrito**;

5) **Olhar mais abrangente:** ponto onde apresento alguns dos diálogos realizados com os moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa, ao longo dos meses de inserção etnográfica, que suportam algumas ideias apresentadas durante os Círculos de Cultura;

6) **Análise da prática envolvente:** ponto onde analiso os diálogos que foram trocados não só durante as sessões dos Círculos de Cultura, com os jovens aderentes ao mesmo, como também durante o meu período de Socialização, com os moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa, com base no quadro teórico desenvolvido no Capítulo II.

## Sessões

### Sessão nº 1

#### Categorização

Data: 10 de Abril de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horário: das 17h às 19h

Participantes: 2

Filme: *A esperança está onde menos se espera*

**Envolvimento:** Entrámos na escola, sentámo-nos e, então, foi feita uma pequena apresentação sobre a minha pessoa em virtude de um dos presentes não me conhecer. Foi explicado o meu trabalho em campo com mais detalhes e qual o meu objetivo no estágio. Sentados no sofá, começámos a assistir ao filme.

**Exposição do filme:** Lourenço é filho de Francisco Figueiredo, um treinador de futebol que começa a construir uma carreira de sucesso. Tudo corre bem aos Figueiredos: a equipa de Francisco vai à final da Taça de Portugal e Lourenço vai receber o prémio de melhor aluno de um dos melhores e mais caros colégios da zona de Cascais. Mas tudo começa a correr mal. Francisco é despedido e Lourenço tem de deixar o colégio e passar a frequentar uma Escola Secundária oficial cujos alunos são predominantemente da Cova da Moura... Lourenço, ao mesmo tempo que luta para se integrar numa nova e dura realidade vai também ajudar o pai a recuperar a dignidade perdida. E a esperança esta onde menos se espera.... (<http://mgnfilmes.pt/aesperanca/>)

**Visão do outro:** Enquanto o filme vai decorrendo, os jovens olham atentamente para a televisão. A meio do filme surge uma parte em que dois rapazes negros assaltam o Lourenço na saída da escola e o Homem 1 faz o seguinte comentário: *“Não curto desta cena, mas porque é que metem dois pretos a assaltar? Por que razão não metem um branco? É por causa destes filmes que os miúdos fazem o que fazem e é por causa destas coisas que eles muitas vezes se comportam como comportam. Isto é*

*preconceito.*” Imediatamente parando o filme, questiono-o: **Achas então que isto é um preconceito. Estão a fazer representações de uma realidade falsa?** Homem 1: *“Não estou a dizer que nem todos sejam assim mas muitas vezes é por causa destes filmes que acham que devem mesmo ser assim”* **Porque se é assim que os veem então podem pensar: se tenho a fama? Porque não ter também o proveito?** Homem 1: *“Sim e está errado!”* **Fazem representações do que acham que deve ser. Isso está ligado a um estereótipo.** Homem 1: *“Não é só o preto que faz mal”*. No desenrolar do filme, o filho, que tinha tudo e de repente fica sem poder fazer muitas coisas, revolta-se contra o pai e começa a tratá-lo de forma mais desprezível. Nessa altura, o Homem 1 comenta novamente: *“Esta relação do filho com o pai! Não compreendo por que razão é que o filho está tão revoltado com o pai, as relações não deviam ser assim, foi o pai que lhe deu tudo e ele agora trata o pai assim? Não dá para compreender são os pais que nos dão aquilo que mais precisamos”* (Diário de campo dia 10 de Abril de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 3)

**Um olhar mais abrangente:** Foi através de uma conversa informal, numa tarde no bar do Du, que se reforçou a ideia *“Muitas das pessoas de fora acham que este bairro é perigoso, pensam que porque a maioria é preta que somos todos traficantes, assaltantes, bandidos. Opa! Por mim tudo bem. Essa ideia já está mesmo formada pela maioria das pessoas, já não há grande coisa que possa fazer.”* (Diário de campo dia 10 de julho de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 4)

**Análise da prática envolvente:** Conforme foi mencionado no capítulo II, e como podemos identificar após esta sessão, as expectativas podem ser criadas de diferentes formas. Devemos estar atentos à forma das interações sociais onde estas são criadas. Quando é mencionado pelo Homem 1 que *“é por causa destes filmes que os miúdos fazem o que fazem e é por causa destas coisas que eles muitas vezes se comportam como comportam”* identifico que o comportamento não exemplar trazido pelo autor, pode transmitir uma ideia que reforce a expectativa da sociedade, como um todo, face aos “miúdos” moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa contribuindo, assim para a construção de uma identidade cultural.

Ao mesmo tempo, e como também já referido no Capítulo II, as representações sociais construídas em encontros culturais por vezes desconsideram as relações de respeito, ferramenta chave em qualquer relação intercultural. Tais representações sociais

encontram-se vivamente presentes quando um dos moradores menciona *“muitas pessoas de fora acham que este bairro é perigoso(...)essa ideia já está mesmo formada pela maioria das pessoas, já não há grande coisa que possa fazer”*

Através destas representações sociais, e em movimentos dinâmicos e dialéticos, vão-se criando preconceitos e estereótipos sobre toda a Comunidade Bairro das Terras da Costa. Estagiar nesta comunidade proporcionou-me desvendar (porque estava disposta a) tais preconceitos e estereótipos, não só nos contextos da cidade Costa de Caparica e das minhas relações pessoais, como no contexto do próprio exercício dos círculos de cultura, como trago: *“Não curto desta cena, mas porque é que metem dois pretos a assaltar? Por que razão não metem um branco?”*

Assim sendo, verifico que o que nos disponibilizamos a ver pode ser interpretado de formas muito diferentes, fantasiando sobre algo que pode nem ser real. E tal como referido em “Um simples olhar”, os sujeitos acabam por criar uma identificação “para um certo olhar do outro” (Žižek 1992, citado por Cabral & Catapani, 2003 p.9). No exercício desta análise, constato que os preconceitos e estereótipos locais massificam uma identificação desta comunidade que, ainda segundo Žižek 1992, citado por Cabral & Catapani, 2003, não necessita de ser bonita nem aceite, podendo o sujeito estar identificado com o feio e inaceitável.

Constato que alguns moradores identificam-se, tendo em conta o que já está “traçado” – um olhar muitas vezes negativo por parte dos outros, como “feios” e “inaceitáveis”. Neste movimento de identificação evidencio o sujeito que deseja manter a sua cultura de origem e não deseja interagir com outras culturas – aculturação por Separação, bem como o sujeito que revela pouco interesse quer na manutenção cultural, quer nas interações com os outros grupos culturais – aculturação por Marginalização.

Constato, também, que alguns moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa identificam-se por manter a sua cultura original e ter ao mesmo tempo interações com os outros grupos sociais (aculturação por Integração). Porém, neste círculo de cultura, ressalto a não existência de identificação – recriando os seus próprios preconceitos e estereótipos face a própria comunidade (aculturação por Assimilação).

## Categorização

Data: 17 de Abril de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horário: das 17h às 19h

Participantes: 8

Filme: *Cidade dos Homens* – episódio “A estreia”

**Envolvimento:** Quando entrámos na escola, pedi para que os jovens se sentassem e logo comecei por explicar em que ia consistir o episódio. Expliquei que esta série é baseada no filme *Cidade de Deus* e que relata a vida de dois jovens residentes numa das favelas do Brasil, bem como os problemas que eles enfrentam no dia-a-dia.

**Exposição do filme:** Episódio “A Estreia”. Neste episódio são discutidos os primeiros encontros amorosos e as diferenças que existem entre a visão das raparigas e dos rapazes no que toca ao primeiro beijo, ao primeiro encontro e, ao mesmo tempo, pudemos assistir a perda da virgindade, tanto de Laranjinha como de Acerola.

**Visão do outro:** A série começa por mostrar uma conversa entre um grupo de raparigas e rapazes onde são colocadas questões sobre o primeiro encontro amoroso: o primeiro beijo, a primeira relação sexual e todas as inseguranças que advém. Paralelamente, pudemos verificar a diferença que existe entre a visão dos rapazes e das raparigas sobre estes assuntos e com ela a questão que principiou o debate: **Vocês preferem conquistar ou ser conquistados?** Mulheres: “conquistada”. Homens: “conquistado”. **Dessa forma é complicado, pois estão ambos a dizer que gostam de ser conquistados.** Homem 1: “eu sou muito tímido é melhor a mulher vir ter comigo”. **Aqui na série elas vão sair à noite todos juntos e divertem-se. Vocês também costumam sair assim à noite?** Homem 1: “Mulher que é considerada minha não sai à noite!” Mulher 1: “Ah sim! Para eles isso é ser oferecida. Mas as amantes já podem ir!” Homem 1: “Claro! Eu



disse que mulher minha não vai! As outras tudo bem”. **Mas vocês costumam ter muitas mulheres?** Homem 1: “Eu no mínimo quero ter 3! Uma para tar em casa, a outra para levar à rua e a outra ainda não sei”. Mulher 2: “É super bom estares a dizer isso com a tua mulher no hospital!” **A tua mulher está no hospital? Mas está tudo bem?** Homem 1: “Sim, sim. Foi só lá ter um filho”. Mulher 2: “E agora, pergunta-lhe quantas vezes é que ele a foi ver? Ou melhor, se não foi sair enquanto ela estava lá”. Homem 1: “Eu fui lá vê-la uma vez. E sim, fui sair depois”. Mulher 3: “Homem só serve mesmo para fazer filho”. **Mas vocês têm mesmo várias mulheres ou gostavam de ter?** Homem 1: “Temos mesmo”. **E elas costumam saber umas das outras?** Homem 1: “Sim, às vezes sim. Outras não. Olha o caso delas”. Mulher 3: “Sim, eu sou filha do meu pai com a minha mãe e ela é filha do pai dela com a mãe dela, mas o nosso pai é o mesmo. As nossas mães eram vizinhas”. **Ah... e agora ele está com qual delas?** Mulher 2: “Nenhuma, tem lá uma terceira. Nós ainda temos mais irmãos”. **Mas porque é que isso é assim?** Homem 1: “É lei, é



regra é tradição!” **Então e porque é que vocês não deixam as mulheres, que**

Ilustração 11 - Sessão 2 - 17 de Abril de 2013

**consideram vossas, sair?** Mulher 3: “*Queres saber? Porque eles sabem o que vão*



Ilustração 12 - Sessão 2 - 17 de Abril de 2013

*fazer para dentro das discotecas. Vão roçar-se todos nas outras”. Homem 1: “Eu não quero ter de ver a minha mulher a ser roçada por outro! Por isso mais vale ficar por casa”. Mulher 1: “Eu tenho um truque muito bom. Se, por acaso, não quero que o meu marido saia à noite não vale a pena estar a pedir com palavras, vou ter com ele, encho-o de miminhos, vou para a cama com ele e assim ele não sai! Dou-lhe aquilo que ele quer”. **Então***

**e se uma mulher decide ir?** Homem 1:

*“Opa! Ela pode ir sim. Ela que vá. No dia seguinte, não entra em casa”. **Isso é um bocadinho de mais.** Homem 2: “Eu já faço*

*outra coisa, se a mulher diz que quer ir sair porque quer ir dançar eu digo ok vamos e vamos os dois. Se ela disser ok tudo bem então vamos os dois se ela disser que eu não posso ir aí começo a achar que algo de estranho se esta a passar e aí pergunto porque razão é que não posso ir se ela me der uma boa justificação então tudo bem pode ir com as amigas à vontade”. Mulher 2: “Vocês deviam aprender mais com ele!”. **Mas***

**porque é que isto é assim? Porque razão é que todos vocês fazem isso?** Homem 3: “A tradição já vem dos pais. Foi assim que vimos, foi assim que aprendemos”. Mulher 2: “Sim, o meu pai deixava sair o meu irmão, mas eu já não podia sair por ser rapariga”. **E vocês acham bem que seja assim? Que a mulher não possa estar a vontade para sair quando lhe apetece? Gostam de sentir que a vossa mãe é quase proibida de sair pelo vosso pai?** Homem 3: “Não tem problema nenhum! E se não for

*pelo meu pai é por mim! Alguma vez mãe minha vai a discoteca? Nem pensar! Fica em casa que esta muito bem”. Mulher 2: “Homem cabo-verdiano é burro! Eu sou uma mulher livre! E quando casar eu não vou com o meu pai para a igreja eu vou com a minha mãe! E se por acaso a minha mãe não poder eu entro sozinha naquela igreja a gritar que sou livre e que não preciso de nenhum homem, que nenhum homem manda em mim. Eu neste momento só estou com o meu marido por causa da filha que temos e da casa. É a única coisa que nos liga. Ele pode fazer o que ele quiser eu já disse não tenho nada haver com isso. Ele só tem é de respeitar a casa. A partir do momento em*

*que não respeite a casa, nem a minha filha, sai porta fora. Ele que faça o que quiser, com quem quiser, mas a casa que é de ambos e, mais importante, da minha filha. Ele não vai lá meter outra mulher*". (Diário de campo dia 17 de Abril de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 5)

**Um olhar mais abrangente:** Numa tarde em que estava sentada no bar do Du, com a Suzete, perguntei-lhe como estava e se a Mónica já tinha decidido se ia para a escola de Sta. Apolónia. A Suzete respondeu: "*Primeiro ela (Mónica) tem de falar com o marido, porque aquele curso tem muitos homens e não sei se ele vai gostar*". Perguntei o porquê e a resposta foi: "*Cabo-verdiano é safado e, como sabe que é safado com as outras mulheres, não gosta se por acaso outro homem é para nós*". (Diário de campo dia 16 de Janeiro de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 6).

Noutro momento, enquanto estávamos à porta da Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa, a conversar sobre a diferença de homem e mulher, chega o marido da Suzete, que não tinha estado connosco. A Suzete pergunta: "*Vando porque é que as mulheres não podem sair quando querem e já vocês podem fazer o que quiserem?*". Ao qual a resposta do Vando foi: "*Porque é lei, porque é regra, porque é tradição!*" (Diário de campo dia 17 de Abril de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 5).

**Análise da prática envolvente:** Conforme abordado no Capítulo II, o papel da mulher e do homem, tanto na sociedade como na sua relação conjugal, foram sofrendo alterações ao longo dos anos. No entanto, as questões de igualdade de géneros ainda se encontram muito presentes em várias culturas. Neste caso específico (Cabo-verde), existe ainda uma forte submissão da mulher perante o homem. Tal exemplo tornou-se claro nas discussões apresentadas nos pontos quatro e cinco desta sessão, especialmente no que toca ao movimento de "poder sair" das mulheres, divertindo-se sem ser com a autorização dos seus maridos.

Identifico que o ato de "poder sair" das mulheres é subjugado ao desejo dos seus maridos. Conforme revela o Homem 2, as mulheres podem sair sozinhas desde que expliquem bem o porquê deste desejo. Já, em contrapartida, todas as outras vozes dos homens, presentes neste Círculo de Cultura, afirmam que suas mulheres podem sair apenas com a sua presença, afirmando que isto acontece por ser "*lei, regra, tradição*". Este facto já se encontra enraizado na cultura local, na qual o homem detém a última palavra, no que toca a certos comportamentos da mulher.

Por outro lado, focando no discurso das mulheres, constato que algumas apresentam uma Coragem Física – não lidam com violência mas sim com o corpo, de forma a criar tanto simpatia como empatia, como aponto nos exemplos a seguir: *“Eu tenho um truque muito bom, se por acaso não quero que o meu marido saia a noite não vale a pena estar a pedir com palavras, vou ter com ele encho-o de miminhos vou para a cama com ele e assim ele não sai!”*; *“Homem cabo-verdiano é burro! Eu sou uma mulher livre! E quando casar eu não vou com o meu pai para a igreja eu vou com a minha mãe! E se por acaso a minha mãe não puder eu entro sozinha naquela igreja a gritar que sou livre e que não preciso de nenhum homem, que nenhum homem manda em mim”*.

Constato, também, que algumas mulheres arriscam-se para alcançar uma certa intimidade significativa – Coragem Social. Do convívio diário com as jovens locais, observo que algumas investem tempo nelas próprias e nas suas emoções, a fim de desenvolverem relacionamentos como, por exemplo: a entrada em escolas profissionais, o extremo cuidado pessoal, a importância que dão ao relacionamento com os filhos e a procura por caminhos dialógicos com os seus parceiros. Neste Círculo de Cultura, identifico a Coragem Social, enquanto coragem de suportar o abandono, na seguinte fala da Mulher 2: *“Eu neste momento só estou com o meu marido por causa da filha que temos e da casa. É a única coisa que nos liga. Ele pode fazer o que ele quiser eu já disse não tenho nada haver com isso. Ele só tem é de respeitar a casa. A partir do momento em que não respeite a casa nem a minha filha sai porta fora. Ele que faça o que quiser com quem quiser mas a casa que é de ambos e mais importante da minha filha ele não vai lá meter outra mulher.”*

### Categorização

Data: 23 de Abril de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horário: das 17h às 19h

Participantes: 6

Filme: *Cidade dos Homens* episódio “Foi sem querer”

**Envolvimento:** Entrámos na escola, conversámos um pouco sobre os acontecimentos da semana enquanto nos sentávamos e depois eu expliquei que iríamos ver o segundo episódio da série *Cidade dos Homens*.

**Exposição do filme:** Episódio “Foi sem querer” – Este episódio traz o tema da gravidez prematura exemplificada com a situação da namorada de Acerola.

**Visão do outro:** Após o filme, foi desenvolvida uma atividade com os jovens em que propus que escrevessem num papel o que é ser mãe/pai. Cada jovem escreveu o que significava ser mãe/pai e, terminada a tarefa, foram lendo individualmente os textos em voz alta para que todos pudessem ouvir. No fim de cada leitura, todos os participantes bateram palmas.

Ser Mãe e Amor Sem Limites e Limitar coarado e preciso  
e também ter paciência e também ~~diar~~ não  
saber oleser mãe e ter Responsabilidade  
e Amor osima de todo

Solange Afonso

Ser Mãe é saber cuidar, ser responsável  
é ter uma vida nas nossas mãos dependendo  
das nossas capacidades e das nossas conselhos  
de vida; dar amor e ~~seu~~ educação.

Mônica Afonso

Ilustração 14 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013

Ser Pai é ser a imagem  
da vida e ser Precioso, es Precioso  
E gerar a História de sua vida inteira.

Daniel Moreira

23-4-23

Ilustração 15 - O que é ser Pai - 23 de Abril de 2013



- 70 - e ser mãe

ser mãe é ter responsabilidade,  
 e saber cuidar quando é preciso  
 lutar para não faltar nada,  
 ter paciência com eles, ter compreensões  
 do que fazemos, saber dizer não quando  
 é preciso. gostar a vida junto com eles.

Anineia

Ilustração 16 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013

- 31 Pai

ser pai é ser responsável, sa-  
 quando é preciso, lutar para não

Torre

Ilustração 18 - O que é ser Pai - 23 de Abril 2013

Para mim ser mãe, foi a melhor coisa que me aconteceu  
 Logo no primeiro dia que eu fiquei a saber que estava  
 grávida fiquei logo muito contente, mais fiquei mais  
 ainda quando fiquei a saber que era um rapaz porque  
 eu sempre quis ser mãe, mas ao mesmo tempo ~~ainda~~  
 fiquei triste porque foi logo falar com o pai do meu  
 filho e ele mi disse que não queria ser pai,  
 fiquei logo muito triste, mais ao mesmo tempo quando  
 ele mi dava conta des eu esquecia logo das tristezas  
 e pensava que tinha um ser dentro de mim que  
 precisava de amor, e carinho e é isso do timbo  
 todo lidar e ~~mais~~ mais quando eu vejo para o meu  
 filho e vejo que bleu a pena porque eu amo o meu  
 filho e hoje já estou grávida e antes de ter o meu  
 muito saque ainda não sei se é minino ou minino  
 mais eu amo os meus filhos e tenho um bom pai para  
 os meus filhos porque foi não e quem fez mais sim  
 quem da amor e carinho

Kaíla Borges

Ilustração 17 - O que é ser Mãe - 23 de Abril de 2013

**Um olhar mais abrangente:** Enquanto caminhávamos pela Costa de Caparica, depois de termos ido levar as filhas da Suzete ao parque, falou-se da importância de se ser mãe e pai. “*É muito doloroso quando se vai ter a criança mas depois poder olhar para estas coisinhas lindas é ótimo*”. Ao mesmo tempo, o Daniel comentou: “*quero muito ser pai. Poder estar com o meu filho, levá-lo ao colo, poder ensinar-lhe as coisas que o meu pai me ensinou a mim. Acho que é uma grande sensação*”. (Diário de campo dia 22 de Maio de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 7).

**Análise da prática envolvente:** Da prática vivida, posso salientar que o cuidado com as crianças, por parte dos pais da Comunidade Bairro das Terras da Costa, é culturalmente diferente da minha experiência enquanto portuguesa. É de realçar que existe, nesta comunidade, uma forte presença do processo de enculturação, por exemplo, na forma como eles transportam os seus filhos. Ao longo dos meses de inserção etnográfica, pude assistir a muitos moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa a transportar os filhos às costas. Estes moradores apoiam as crianças, somente, num tipo de um páreo, onde enrolam as crianças e prendem a volta do corpo. Outra situação que pude assistir é quando a criança se encontra a brincar na rua e um adulto lhe pega pelo braço, baloiçando-a num movimento contínuo até a apoiar somente no ombro, transportando-a assim. Outro exemplo de enculturação que assisto, frequentemente, é em relação a alimentação que é dada a estas crianças. A cachupa continua a ser um dos pratos mais feitos dentro da Comunidade Bairro das Terras da Costa.



**Ilustração 19 - Jovem moradora do Bairro das Terras da Costa com a filha**

Paralelamente, encontro presente na Comunidade Bairro das Terras da Costa o processo de aculturação por Integração como, por exemplo: as festas de aniversário das crianças que são realizadas de uma forma dentro desta comunidade e de outra forma na comunidade escolar; o vestuário, onde os mais velhos vestem as saias tipicamente cabo-verdianas e os panos na cabeça sendo que os mais novos aderem aos vestidos, saias curtas e calças de ganga; e a linguagem, pois entre eles falam *Kriolo*, porém, quando confrontados com pessoas de fora desta comunidade, falam Português.



É de salientar que através desta sessão constato que, no que toca à transculturalidade, existe uma forte preocupação com a criança. Os jovens presentes neste Círculo de Cultura revelam esta preocupação quer seja nos cuidados essenciais, na segurança, bem como nas relações de afeto – “Amar sem limites e limitar quando é preciso (...) é ter responsabilidade” (...) “Também saber dizer não é ter responsabilidade e amar acima de tudo” (...) “Ser responsável, ter uma vida nas nossas mãos dependendo das nossas capacidades (...) dar amor e educação” (...) “Ser responsável”.

Por fim, reforço que, tal como referido na sessão dois, encontra-se uma Coragem Social no discurso de uma das jovens presentes no Círculo de Cultura, quando refere: “(...) fiquei triste porque fui logo falar com o pai do meu filho e ele disse que não queria ser pai”. Esta jovem, arriscando-se para alcançar uma intimidade significativa, investiu todo o seu tempo, todas as suas emoções e todas as suas energias no seu filho, o que confirmo com a seguinte afirmação: “mas ao mesmo tempo quando ele me dava pontapés eu esquecia logo as tristezas pensava que tinha um ser dentro de mim que precisava de amor e carinho”. Suportando o abandono, por parte do seu marido, esta jovem da Comunidade Bairro das Terras da Costa enfrentou o medo, ficando absorvida pelo seu filho “e hoje quando vejo o meu filho, vejo que valeu a pena”.

## Categorização

Data: 2 de Maio de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horário: das 17h às 19h

Participantes: 5

Filme: *Cidade dos Homens* episódio “Vacilo é um só”

**Envolvimento:** A sessão começou e demos as boas vindas às novas caras presentes neste encontro. Expliquei em que consistiam estas sessões e falei um pouco da série *Cidade dos Homens*. Estes já se encontravam familiarizados com a série, uma vez que a dinâmica desenvolvida por nós (jovens presentes nos Círculos de Cultura) era motivo das conversas dos jovens desta comunidade. Os recém chegados demonstraram alguma insegurança, comentando que os episódios eram ligeiramente agressivos, face ao que tinham conversado. Refletindo, em conjunto, sobre o assunto, afirmaram que não se importavam de participar, pois, ao mesmo tempo, sabiam que era engraçado.

**Exposição do filme:** Episódio “Vacilo é um só” - A sedução da vida fácil do tráfico quase “prende” Laranjinha.

**Visão do outro:** Este episódio traz até nós um tema de debate muito interessante. Relata a decisão de Acerola manter um “trabalho chato”, mas digno. Relata, também, a decisão de Laranjinha entrar no mundo do tráfico, pois é “trabalho fácil” e com ele advêm bastantes regalias. No entanto, depois de envolvido no tráfico, começa a perceber que as coisas não são bem como ele achava. O primeiro comentário feito foi (Mulher 1): *“Prefiro andar aí a fazer uma coisa que não gosto mas poder andar de cabeça levantada, do que estar metida neste meio onde tenho de andar sempre preocupada com tudo e, se calhar, também sempre fugida de tudo”*. É preferível optarmos por um caminho que nos custe mais e que possa ser “chato” e puxado em termos de trabalho do que optarmos por um caminho “fácil” mas que possui uma data de

**problemas.** Homem 1: *“Claro que sim! Prefiro até nem ter de fazer nada e passar o meu dia a passear por aí do que estar envolvido nisso. Sei que é uma vida fácil mas os problemas que vêm depois...”*.



Ilustração 20 - Sessão 4 - 2 de Maio 2013

**Claro, esse caminho não deve ser uma opção.** Homem 1: *“A polícia já nos chateia imensas vezes por saberem que somos daqui e, de vez em quando, vêm cá. Se estivesse envolvido nesse mundo, então é que não nos largavam”*. **Vocês acham que são associados a isso? Acham que as pessoas pensam que por serem daqui andam metidos “nessa vida”?** Estou a dizer isto, porque já me disseram que para as “pessoas

**de fora” o bairro é associado a violência e, possivelmente, também a uma grande facilidade de existência de estupefacientes.** Homem 1: *“Existe cá dentro. E, muitas vezes, vêm pessoas de fora cá, só com a ideia de comprarem coisas, mas não são todos. E muitas vezes vêm pessoas, que não são daqui, vender aqui, porque acham que aqui dentro conseguem. Mas não devíamos ser associados a isso”*. (Diário de campo dia 2 de Maio de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 8).

**Um olhar mais abrangente:** Indo ao encontro do que foi comentado nesta sessão, numa tarde na casa do Euclides, surge uma conversa onde foi mencionado: *“uma vez vieram meter-se comigo por andar a ajudar no projeto pois, até achavam que eu recebia. Tive de explicar que não recebia e que fazia porque queria. Quase que me insultou a dizer que faço isto e que nem recebo ao que lhe responderam ele esta a receber uma coisa que por mais droga que vendas neste mundo nunca vais receber que é conhecimento!”* (Diário de campo dia 6 de Novembro de 2012 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 9).

**Análise da prática envolvente:** Como já havia sido referido, para De Masi (2010) existe um ócio dissipativo que nos faz sentir vazios e inúteis, o qual pode fazer com que as pessoas associem esse excesso de tempo livre à marginalidade.

a marginalidade – dever-se-ia antes dizer marginalização- é assim uma produção social que encontra a sua origem nas estruturas de base da sociedade, na organização do trabalho e no sistema de valores dominantes a partir dos quais se repartem os lugares e se fundam as hierarquias, atribuindo a cada um dignidade ou sua indignidade social (Castel 1996, citado em Demo, 2002 p.21)

Durante esta sessão, constato que o preconceito encontra-se novamente presente no discurso dos jovens deste Círculo de Cultura, quando um deles afirma: *“A polícia já nos chateia imensas vezes por saberem que somos daqui”*

Da minha prática vivida, saliento que muitos dos jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa, como referido anteriormente no capítulo I, passam a maioria do tempo encostados a um muro. Este muro encontra-se de frente para a entrada principal, na localidade do grupo cultural cabo-verdiano e, para além do sol, proporciona uma visão total do movimento de entrada e saída desta comunidade. Aparentemente, os jovens que ali se encontram, realizam um ócio dissipativo.

Tal como referido no capítulo II, o ócio criativo ocorre quando misturamos tempo livre, com trabalho e criatividade. No entanto, o conceito de trabalho, como proposto por Domenico De Masi (2001), não tem de ser forçosamente entre quatro paredes: “uma mãe que tome conta dos filhos não é considerado trabalho, mas se contratarmos alguém para tomar conta dos nossos filhos já é considerado trabalho?”. Para este autor, interessa que exista uma harmonia entre estes pontos exercendo sempre as suas atividades com alegria, bem-estar e criatividade.

Desta forma, constato que estes jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa praticam muitas vezes um ócio criativo, quer seja enquanto decorrem as sessões, cuidam dos seus filhos ou irmãos, se juntam para reconstruir algumas casas do bairro, ou mesmo, quando se encontram no muro a falar.

No exercício desta sessão, pude reforçar a ideia de que o estereótipo e o preconceito, para com os jovens da Comunidade Bairro Terras da Costa, é sustentado por uma identificação massificada destes jovens; massificação esta que cega a real condição dos mesmos. Ressalto, novamente, que o que nos disponibilizamos a ver pode

ser interpretado de formas muito diferentes, fantasiando sobre algo que pode nem ser real.

## Categorização

Data: 7 de Maio de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horário: das 17h às 19h

Participantes: 4

Filme: *Cidade dos Homens* episódio “Hip Sampa Hop”

**Envolvimento:** Sentámo-nos no sofá e falámos sobre as sessões anteriores. Questionei se estavam contentes com o filme ou se preferiam realizar outra atividade. Disseram que queriam continuar a assistir à série, devido à continuidade dos episódios e pelo facto de serem “bastante giros”. Perguntei às jovens presentes porque é que os rapazes tinham desaparecido e não vinham ver o filme. Elas responderam: “*eles preferem andar aí sem fazer nada. Ou estarem todos juntos a jogar*”. Elas explicaram, também, que tinham vindo porque queriam muito ver o filme, mas que não podiam demorar muito tempo, pois tinham de ir fazer o jantar e arrumar a casa, o que condicionou a discussão final do episódio.

**Exposição do filme:** Episódio “Hip Sampa Hop”  
– Laranjinha e Acerola descobrem o mundo do rap Paulista.

**Visão do outro:** Este episódio conta a história de quando Laranjinha e Acerola vão à cidade do Rio de Janeiro com o intuito de se tornarem *rappers*. Ao longo do filme surgiu a questão. **Vocês também iam para onde quer que fosse atrás de um sonho?** Mulher 1: “*Não sei. Eu tenho tudo aqui: as minhas meninas, o meu marido. Não sei se era capaz de deixar para trás isso. Se quisesse*



Ilustração 21 - Sessão 5 - 7 de Maio 2013

*mesmo, levava as minhas meninas comigo”. **Este episódio fala de estilos musicais como o rap. Qual é o vosso estilo musical?** Mulher 1: “*Nós temos o Batuko até temos um grupo formado aqui no bairro. Depois temos, também, o Kizomba e o Funaná, são nossos*”. **Esses estilos são mesmo vossos?** Mulher 1: “*Sim. São mesmo nossos. Gostamos muito, são muito diferentes mas todos muito bons*”. **E, por exemplo, eu já reparei que vocês têm o vosso grupo de batuque, mas só vejo mulheres lá. É por alguma razão em especial?** “*Os homens não são muito de estar connosco e de tocar nem dançar, pelo menos o Batuko. Eles são mais do Kizomba, é uma dança mais colada*” (Diário de campo dia 7 de Maio de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 10)*

**Um olhar mais abrangente:** Num dos dias em que realizei um dos inventários, com o Euclides, estávamos a ouvir música e falámos sobre os estilos musicais: o Kizomba e o Funaná. Ele mostrou-me algumas músicas e falou-me de alguns cantores. Explicou que, nas letras das músicas, fala-se muito da terra e estas transportam vários sentimentos, Se escutarmos com atenção, vamos conseguir sentir o que o cantor quer transmitir. Aproveitei para falar sobre o grupo de Batuko local e colocar a seguinte questão: Por que razões é que só existiam mulheres no grupo? O Euclides respondeu: “*Isso é uma coisa delas, nós homens não estamos assim muito com elas, não nos misturamos tanto. Eu cedo a minha casa para elas treinarem e fico a ver, mas só isso. É uma coisa mais delas. Não digo que não existe, mas é raro ver um homem no meio delas a tocar*” (Diário de campo dia 25 de Outubro 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 1).

**Análise da prática envolvente:** Como referido no enquadramento teórico existem inúmeras culturas, tendo como características: a língua, a tradição, os valores, os hábitos, ritos, rituais, entre outros. Dentro dos ritos que se caracterizam por serem algo típico de uma cultura existe: a comida, as vestes ou até mesmo a música.

a música é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e ritmo seguindo uma pré-organização ao longo do tempo. É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana. Atualmente não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de arte, considerada por muitos como sua principal função. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>)

Através da experiência vivida destaco que o *Batuko* e o *Kizomba* encontram-se bastante presentes na vida dos moradores da Comunidade Bairro das Terras da Costa. Identifico, neste contexto musical, a aculturação por Integração pois os moradores interagem com os outros estilos musicais, mantendo características da sua cultura de origem. É uma prática normal convidar pessoas de fora a participarem nas sessões de *Batuko*, o que revela, também, a aculturação por Integração.

os ritmos assim nascidos traduzem toda a idiossincrasia deste povo e constituem, antes de mais, verdadeiras crónicas vivas e expressivas da sua vida, como companheiros de trabalho, exprimindo a alegria, a nostalgia, a esperança, o amor, a jocosidade, o apego à terra, os problemas existenciais bem como a própria natureza. (Brito 1998)

Focando nos pontos de igualdade de género, e tal como é referido por um dos moradores: “*Isso é uma coisa delas, nós homens não estamos assim muito com elas, não nos misturamos tanto. Eu cedo a minha casa para elas treinarem e fico a ver, mas só isso. É uma coisa mais delas*”. Porém, no convívio etnográfico com a Comunidade Bairro das Terras da Costa, constato a existência de alguns (poucos) homens cabo-verdianos que participam ativamente das sessões de *Batuko* local.

como dança, o *Batuque* tradicional desenrola-se segundo um ritual preciso. Numa sessão de *Batuque*, um conjunto de intérpretes (quase sempre unicamente mulheres) organizam-se em círculo num cenário chamado *terrero*. Esse cenário não tem de ser um lugar específico, pode ser um quintal de uma casa ou no exterior, numa praça pública, por exemplo. (...) Antigamente, o *Batuque* revestia-se de um significado social. Era desempenhado em dias santos, em certas ocasiões cerimoniais, em festas, antes e durante os casamentos. Há estudiosos que especulam que os movimentos de dança do *Batuque* evocam o ato sexual, e o objetivo seria promover a fertilidade da noiva. Hoje em dia o *Batuque* perdeu o seu significado original. Foi transformado num espetáculo de palco, e é desempenhado em atos oficiais, em festas ou é utilizado por certos grupos para dar um exemplo do folclore de Cabo Verde. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque>)

Tal como mencionado no início deste capítulo, música, dança e cinema são o foco central no discurso dos jovens desta comunidade. Desta forma, verifico que a música é uma forte ferramenta de observação para a compreensão dos comportamentos e conhecimentos locais. Constató que o *Batuko*, nesta comunidade, é uma ferramenta de empoderamento da mulher cabo-verdiana, realçada como foco principal desta atividade.



## Categorização

Data: 21 de Maio de 2013

Local: Escola da Comunidade Bairro das Terras da Costa

Horas: das 17h às 19h

Participantes: 2

Filme: *Cidade dos Homens* episódio “Pais e Filhos”

**Envolvimento:** Entrámos na escola e sentámo-nos. Expliquei que este seria o último episódio que íamos ver, pois não só tinha terminado a terceira temporada da série, como também o meu tempo de estágio estava a chegar ao fim.

**Exposição do filme:** Este último episódio da temporada três apresenta-nos a constante luta e dificuldade que Acerola atravessa na procura do primeiro emprego estável, uma vez que a sua filha estava para nascer. Laranjinha, por sua vez, torna-se um *rapper*. Nasce a filha de Acerola.

**Visão do outro:** Este episódio conta-nos a história da procura intensiva, por parte de Acerola, para encontrar trabalho estável, de forma a poder sustentar a filha; da não aceitação do pai da namorada do Acerola face à gravidez da filha; e de Laranjinha que continua à procura do pai. Enquanto o filme decorria, perguntei: **Foi difícil para vocês quando chegaram a Portugal procurarem emprego?** Mulher 1: “*Não foi fácil. Não tenho muita escola, então ainda andei algum tempo à procura. Quando vim para Portugal, a ideia era voltar para a escola e terminar, mas eu queria juntar dinheiro para poder enviar para Cabo Verde. Então, andei durante algum tempo à procura de emprego e depois consegui encontrar trabalho nas limpezas. Foi mais complicado voltar a estudar, até porque não tinha escola que aceitasse, mas depois lá conseguimos*”. **E em relação às meninas? Tiveste as meninas porque quiseste? Os teus pais reagiram bem?** Mulher 1: “*Sim eu já vivia com ele. E queria ter filhos, ele também, então foi tudo normal*”. **Tiveste dificuldades de início?** Mulher 1: “*Tive de*

deixar o trabalho, mas depois consegui voltar. Não tem muita piada estar grávida, ficas com uma barriga muito grande, sempre com calor e não é muito confortável. Para os homens é mais fácil, eles só têm de fazer e não têm de ficar com o bebé nove meses na barriga. Para mim até foi complicado, porque tive logo gémeas. Mas depois, quando vamos tê-las, muda tudo”. **E trabalham os dois?** Mulher 1: “Ele agora não está a trabalhar. Só eu é que trabalho ou trabalhava, porque agora deixei por causa da



Ilustração 22 - Sessão 6 - 21 de Maio 2013

escola”. **Para ele foi bom**

**terem as meninas?** Mulher

1: “Ah sim, ele adora!”.

**Ela aqui no filme diz que**

**preferia estar solteira em**

**vez de casada e já com**

**filhos. Que acham disso?**

Mulher 1: “Ah eu gosto de

estar assim. Eu gosto

imenso dele. Tenho as

minhas meninas e já tive

altura em que estive

solteira e agora estou bem

assim”. **Ele é um apoio muito grande no que toca às meninas?** “Devia ser mais, mas

sim, às vezes ajuda quando eu não posso. Outras vezes, não pode e aí eu peço a alguma

delas que as vá buscar à creche. Nós nisso ajudamos muito” [ajuda mútua entre as

mulheres da comunidade]. **O parto das meninas foi normal? Aqui em Portugal?**

**Num hospital?** “Sim! Sim, tudo normal. Foi no hospital e correu tudo bem”. (Diário de

campo dia 21 de Maio de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 11)

**Um olhar mais abrangente:** Numa conversa com uma das residentes do bairro, tive a

oportunidade de poder escutar a história de como é que ela teve os filhos. “Eu não gosto

de hospitais! Eu vou fazer coragem, vou tomar meu medicamento, vou fazer o meu chá,

mas eu não gosto de hospitais. Tive os meus filhos em casa, dentro da bolsinha”.

**Bolsinha?** “Sim, o Elvis, por exemplo, nasceu em Cabo Verde perto de uma espinheira

seca. Eu estava a descer para ir para médico, porque era a primeira vez. Eu estava tão

fraquinha, por causa do sangue todo que tinha perdido, e tava muita gente

acompanhada comigo. (...) eu senti que ele estava a nascer, então deixei cair os joelhos

no chão e depois ninguém tinha roupa, então ele ficou cheio de terra. Caiu ao pé da planta, ao pé da terra. Quando ele nasceu ficou dentro do saco. Mas o saco dele abriu sozinho, não foi preciso abrir. A mulher que tava comigo tirou uma das saias, porque lá nós andamos com várias saias, e pegou nele e enrolou na saia. Ele começou logo a chorar depois de sair do saco”. **Com os outros foi igual?** “Não. Ela não, ela não chorou e eu tive de cortar a bolsa. Mas lá em Cabo Verde há muitos meninos que as mulheres, quando os bebés nascem, têm de soprar, se não o bebé morre”. **Como assim?** “Elas pegam neles, metem a boca dela na boca deles e sopram lá para dentro, para ele não morrer”. **Ah! É que nós cá quando o bebe está dentro da barriga está com o líquido que nós chamamos amniótico e o bebé tem o cordão que liga o bebé a nós de forma a podermos, também, alimentar o bebé quando as águas rebentam e vamos para o hospital ter o bebé. Quando ele sai, ele não sabe respirar, então o médico dá-lhe uma palmadinha de forma a que o bebé aprenda a usar os pulmões** “nós também fazemos isso as vezes agarramos o bebé pelos pés e damos uma pancada. E se não sair a basga, o bebé pode até nem fala”r. **Basga? O que é isso?** “É água que sai da boca depois do bebé nascer. Nós até perguntamos: já tiraste a basga do bebé? Se essa água não sai, ele fica sem falar. Aquilo tem de sair um bocadinho de água que está dentro do bebé, às vezes até pomos a mão dentro da boca do bebé para tirar. Em Cabo Verde chamados de basga. Alguns sai sozinho, outros precisam de ajuda”. **Cá em Portugal não sei como é que chamamos isso.** “Eu tive todos os filhos em casa e correram todos bem. A minha filha, com dois anos, ainda mamava”. **Com dois anos? E ainda tinhas leite?** “Sim, ainda e ela estava sempre a dizer: “quero a minha mama”. **E são só os três certo?** “Sim, porque eu perdi um. Com dois/três meses perdi um bebé e só descobri porque fui fazer exames e o médico é que me disse: “você esteve grávida”, e eu disse: “não, não”. E o médico disse que sim e pronto. Eu nem sei se era menino ou menina”. **E o pai deles é o mesmo?** “Não. O pai deles é um e o pai dela é outro”. **E querias mais?** “Não! Agora já não quero mais. Já tenho quarenta e três. Eu tenho muitos problemas com sangue e podia ser muito perigoso. Eu agora só quero netos. Netos para criar. Eles têm de me dar netos”. **Bem, se cada um deles te der três, ficas logo com nove netos.** “Se ele tiver em Cabo Verde, vai ter muito mais que três. Lá não cansa nada, só temos de dar de mamar e tamos em casa de outro. Uns tomam conta dos outros e é fácil”. **Vocês gostam de ter filhos, certo?** “Sim. Lá é muito fácil ter filho, aqui é muito complicado. Lá não paga nada para ter filho. Nós ajudamo-nos muito uns aos outros. Se eu tivesse aqui não tinha tido três. Lá não temos de estar sempre a

*comprar fraldas, usamos a mesma e só temos de lavar. E temos muitas ajudas”. **Então, e eles já estão encaminhados para ter filhos?** Eu ainda não tenho a certeza, mas o mais velho deve estar quase e ele disse que queria ter filho com portuguesa ou francesa branquinha. O do meio depois também vai ter com o irmão, porque aqui não há condições”. **Mas está tudo a correr bem com ele?** “Sim, mas eu gostava que ele tirasse a carta, mas não dá. Está na escola, está a trabalhar e não tenho dinheiro para que ele consiga tirar, e o pai dele não empresta! A gente tem que ter o filho para cuidar do filho, tratar do filho, mas eles não pensam. Eles é só uma coisa assim, normal. A mãe é que tem de fazer tudo. Por isso é que hoje as pessoas têm de pensar bem e arranjar alguém que faça bem. Porque na maioria das vezes, nós é que fazemos tudo. A única coisa que eu não aceito é que me bata. Isto agora não admito. Se ele levanta a mão eu não admito. Nunca aconteceu nem eu deixo. Se o homem põe a mão em mim nunca mais põe o pé no chão. Não fico com ele nem para brincar nem para fazer... não vou dizer o quê. Aqui no bairro há mulher que deixa, mas é porque quer. Comigo isso não dá! Se o homem bate hoje, também vai bater amanhã e depois vai gozar com a minha cara? Nem pensar. (...) E eu tenho medo do meu filho mais velho, por ser igual a mim. Ele diz que não tem medo de ninguém e que muito menos aceita ordem ou que a polícia bata nele. Ele adora ficar no sol sentado. Uma vez, a polícia apareceu e começou a chatear e ele disse: “o que é que querem, eu estou aqui a ler o código, não estou a fazer mal nenhum”. A polícia pediu os documentos (...), eles deram e mesmo assim levaram-nos. Então, quando ele chegou, ele disse: “mãe eu não fico mais neste bairro, se não isto não vai dar bem”. Ao contrário do outro que diz que admite tudo”. (Diário de campo dia 7 de Maio de 2013 em Anexo\_áudio\_Anexo1)*

**Análise da prática envolvente:** Conforme abordado no Capítulo II, a autonomia passa não só pelo poder de determinar as próprias leis, como também possuir a capacidade para realizar essas mesmas leis. Pela prática vivida, destaco que muitos dos moradores possuem essa autonomia, embora a demonstrem de formas diferentes. A autonomia encontra-se, aqui, fortemente apresentada, quando uma das jovens do Círculo de Cultura afirma: “Quando vim para Portugal, a ideia era voltar para a escola e terminar, mas eu queria juntar dinheiro para poder enviar para Cabo Verde. Então, andei durante algum tempo à procura de emprego e depois consegui encontrar trabalho nas limpezas. Foi mais complicado voltar a estudar, até porque não tinha escola que aceitasse, mas depois lá conseguimos.” (...) “Foi devido a tudo o que eu passei, luta pelo emprego e

*pela escola para poder voltar a estudar e trabalhar onde eu quero que me fez ser quem eu sou hoje!”*

Através do discurso trocado com uma das moradoras, constato que alguns dos jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa possuem uma Coragem Criativa – incluindo a descoberta e a valorização de novas formas, padrões e símbolos. Esta coragem criativa, não negando a morte física, vai além dos produtos dos nossos atos criativos. Desta forma, destaco a coragem, enquanto descoberta e valorização de novas formas, na seguinte fala: *“Ele [jovem] diz que não tem medo de ninguém e que muito menos aceita ordem ou que a polícia bata nele (...) Então, quando ele chegou, ele disse: “mãe eu não fico mais neste bairro, se não isto não vai dar bem.”*. Por outro lado, constato a Coragem Moral – quem toma uma posição contra a violência de qualquer tipo: moral, física, espiritual ou psicológica, quando é afirmado: *“Ao contrário do outro [jovem] que diz que admite tudo.”*

Destaco, novamente, no discurso de uma das moradoras da Comunidade Bairro das Terras da Costa que esta possui uma Coragem Física: *“Se o homem põe a mão em mim nunca mais põe o pé no chão. Não fico com ele nem para brincar nem para fazer... não vou dizer o que. Aqui no bairro há mulher que deixa mas é porque quer. Comigo isso não dá. Se o homem bate hoje, também vai bater amanhã e depois vai gozar com a minha cara? Nem pensar.”*

Através de diálogos com estas jovens, realço uma forte diferença cultural entre nós, existente no que respeita ao ser mãe Mulher 1: *“Que idade tens?”* **Tenho 24.** Mulher 1: *“E quantos filhos é que já tens?”* **Ainda não tenho nenhum...nem estou a planear ter tão cedo...** Mulher 1: *“O quê? E não achas que já estas bastante velha para ter o primeiro filho?”* **Na minha opinião não...** Mulher 1: *“Ah, pois é! Vocês aqui optam por serem mães muito tarde! Preferem fazer outras coisas primeiro”* (Diário de campo dia 14 de Abril de 2013 em Anexo\_Diários de campo\_Anexo 12).

Dando por terminadas as sessões dos Círculos de Cultura, é importante salientar que, através da análise da prática envolvente, existem vários pontos transversais ao longo dos mesmos.

O primeiro ponto que considero transversal, diz respeito à Coragem Social que a maioria das jovens participantes das sessões possui, quando o assunto são os filhos.

Todas elas explicitam que ser mãe é ser responsável, demonstrar amor, carinho e dedicação. Depositam todas as suas emoções e energias nos seus filhos, não temendo o abandono por parte dos maridos.

Outro ponto transversal é a forte presença do processo de aculturação em toda a comunidade, quer seja este por: Assimilação, Separação, Integração ou Marginalização.

O ócio dissipativo surge, também, como ponto transversal na visão que as jovens, presentes nos Círculos de Cultura, têm sobre os rapazes da Comunidade Bairro das Terras da Costa, quando estas afirmam que: “eles preferem ficar por aí sem fazer nada”. Verifico também que o ócio dissipativo reflete-se quando eles revelam pouco interesse na educação dos seus filhos.

Por fim, o estereótipo e o preconceito são pontos transversais que se encontram, também, presentes no discurso destes jovens em todas as sessões. São representações diluídas na comunidade local e na sociedade envolvente.

Reforço, uma vez mais, que o que nos disponibilizamos a ver nem sempre corresponde ao real.

## **CAPÍTULO IV – INCERTEZAS**

### **Um olhar sobre a visão do outro**

Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, (...) Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar do outro e compreender as suas reações (Delors et all, 1996 citado em Carneiro s.d. p.77)

Após um percurso de altos e baixos chega, por fim, a altura de refletir mais aprofundadamente, sobre todo o trabalho que foi desenvolvido com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa, e, particularmente, sobre os objetivos inicialmente traçados.

Quando me propus a desenvolver “Um olhar sobre a visão do outro”, e na tentativa de explicar esse “simples olhar”, procurei dar um significado à minha inserção no Projeto FU. Quando iniciei o meu estágio ainda não possuía qualquer ideia das atividades que iria realizar.

A minha fase de Socialização foi uma base muito forte para conseguir interpretar todo o contexto à minha volta. Esta fase, porém, não foi fácil. Atravessei períodos menos positivos, tanto a níveis psicológicos (incertezas, frustrações, inseguranças, dúvidas e mistura de sentimentos), como a nível físico (em termos de vestuário apropriado e em termos postura). Porém, foi a fase em que me consegui adaptar ao contexto onde me encontrava inserida e perceber que era com os jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa que queria desenvolver as minhas atividades.

Com a ideia criada, os meus objetivos foram revelados e, com eles, a ideia dos Círculos de Cultura, método educacional desenvolvido por Paulo Freire, foi definida como ferramenta de ação.

A realização destes círculos não foi fácil, muitas das vezes os jovens não apareciam, noutras tinham muita pressa; as sessões tinham de se realizar num período de tempo mais curto. Recordo, ainda, que a presença de alguns deixou de existir ao longo das sessões. As razões pelas quais isso aconteceu variaram entre: o preferirem ficar em casa, o não quererem ir para um espaço fechado com uma mulher (eu) que não as

deles, o não terem confiança face a imprevisibilidade do processo, ou, simplesmente, não se sentirem à vontade com todos os presentes.

Apoiando-me em Paulo Freire, tentei criar um espaço aberto para o diálogo, onde todos pudessem falar e escutar, Tendo sempre em conta o respeito pela cultura dos jovens, fascinei-me com todo o processo realizado e todas as impressões que foram trocadas ao longo das sessões, com os jovens aderentes. Com a realização dos círculos pude constatar que a maioria dos jovens possui Coragem Física, Coragem Moral, Coragem Social e Coragem Criativa, tendo, em alguns casos, uma autonomia bastante acentuada. Foi extremamente rico experienciar reflexos dos processos de aculturação e enculturação, e reconhecer elementos transculturais. Porém, destaco a relevância da flexibilidade do processo vivenciado, enquanto promotora de dinâmicas abertas à criatividade.

Através dos Círculos de Cultura, pude criar novos laços e novos projetos. Projetos que consistiram na procura intensiva por uma escola que albergasse quem estivesse interessado em voltar a estudar. Esta procura foi bastante intensiva, na medida em que nem todas as escolas possuem cursos de b1+b2 (primeiro e segundo ciclo do ensino básico). No entanto, após algumas pesquisas, surgiu o Centro de Formação de Setúbal. Neste momento, muitos jovens da Comunidade Bairro das Terras da Costa já se encontram a estudar, deixando para trás o ócio dissipativo e abraçando o ócio criativo, revelando, assim, a Coragem Social.

Esta procura teve o seu principal foco nos laços que foram criados entre mim e uma das jovens da Comunidade Bairro Terras da Costa – Suzete. Desde muito cedo que a Suzete começou a trabalhar como forma de ajudar a mãe. Ato que originou uma quebra nos estudos e, consequentemente, o abandono dos mesmos. Com a sua vinda para Portugal, o desejo de voltar a estudar aumentou e, com ele, a tentativa de inserção nas mais diversas escolas. O resultado nunca se revelou positivo, mas o desejo e a força de vontade mantiveram-se e a Suzete nunca desistiu. No fim de uma longa procura, Suzete consegue entrar para o Centro de Formação Profissional de Setúbal, onde se encontra, atualmente, a estudar e a realizar o sonho que sempre teve. Acrescento que a Suzete, hoje em dia, já tem objetivos definidos para o próximo nível de escolaridade.



Esta ligação foi tão forte que, não só, proporcionou uma forte ajuda na realização dos Círculos de Cultura (nos quais a Suzete esteve sempre presente e ajudou na concretização do mesmo) como também promoveu a oportunidade de apresentarmos um Objeto Digital (em anexo\_Video\_Anexo 1), intitulado “Alfabetização em Movimentos Populares: Luta pela Concretização”, no Fórum Fronteiras Urbanas / Encontro APOCOSIS 2013, o qual foi realizado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, nos dias 30 e 31 de Julho e 1 de Agosto.

ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Freire1996 p.25)

Ao confrontar os objetivos inicialmente propostos com os resultados apresentados ao longo do relatório de estágio, posso constatar que estes foram atingidos. Foi promovida uma interação diversificada entre os jovens locais e criou-se espaços para o diálogo, fomentando a autonomia.

Todo o processo vivido com a Comunidade Bairro das Terras da Costa, e principalmente, a relação de respeito com os jovens, fomentaram a construção de um olhar sobre os mais variados assuntos e, através da visão deles, conheci alguns dos seus desejos, medos, frustrações e alegrias. Senti despertar em mim uma nova realidade, transpondo antigos preconceitos e/ou estereótipos, na busca de um olhar o mais transparente possível. Carrego, desta forma, para o meu futuro, todas as aprendizagens que foram realizadas através deste estágio, levando sempre comigo “Um olhar sobre a visão do outro”.



Ilustração 23 - Centro de Formação de Setúbal



Ilustração 24 - Jovens do Bairro das Terras da Costa no Centro de Formação de Setúbal

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alencar, E. & Fleith, D. (2003). *Barreiras à Criatividade Pessoal entre Professores de Distintos Níveis de Ensino*. Acedido em 27 de Março de 2013 em:

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16798.pdf>

Berry, J., et al. (2006). *Introduction, goals and research framework for studying immigrant youth*. In J. W. Berry, J. S. Phinney, D. L. 2006

Bishop, A. (1999). *Enculturación matemática: la educación matemática desde una perspectiva cultural*. Editorial Paidós

Brandão, C. (1983). *O que é o método Paulo Freire*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Brito, M. (1998). *Breves Apontamentos sobre as Formas Musicais existentes em Cabo Verde*. Acedido em 26 de Agosto de 2013 em:

<http://natura.di.uminho.pt/ARQEVO/bak/alfarrabio.di.uminho.pt/cip/etnografia/margari-daBrito-formasecv.pdf>

Cabral, T. & Catarpani, E. (2003). *Imagens e olhares em uma disciplina de Cálculo em serviço*. pp.8-12. Acedido em 25 de Setembro de 2013 em:

<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/zetetike/article/view/2492>

Carneiro, R. (s.d) *A educação Intercultural*. p. 77. Acedido em 09 de Outubro de 2013 em: [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col\\_Percursos\\_Intercultura/4\\_PI\\_Cap3.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap3.pdf)

Carvalho, M. (s.d). *Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação*. Acedido em 28 de Junho de 2013 em:

[periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/2364/2068](http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/2364/2068)

Chang, C. (2012) *Before I Die I Want to...*(video) Ted Ideas Worth spreading. Acedido em 20 de Janeiro de 2013 em:

[http://www.ted.com/talks/candy\\_chang\\_before\\_i\\_die\\_i\\_want\\_to.html](http://www.ted.com/talks/candy_chang_before_i_die_i_want_to.html)

Chaves, P. (2006). *Impressões sobre Educação Comunitária*. Acedido em 12 de Maio de 2013 em: <http://professorapaloma.wordpress.com/2006/03/16/impressoes-sobre-educacao-comunitaria/>.

Costa e cultura das artes. (2007). *Origem da Costa*. Acedido em 12 de Maio de 2013 em <http://esmc12e-cca.blogs.sapo.pt/>.

Criar Mundos. (2004). Acedido em 25 de Agosto de 2013 em: <http://criarmundos.do.sapo.pt/Introducao/introducao.html>

De Masi, D. (2000). *Entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi*. – Rio de Janeiro: Sextante, 2000.p.7

De Masi, D. (2003). *Criatividade e Grupos Criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.p.5

De Masi, D. (2010). *Ócio Criativo- Entrevista com Domenico De Masi*. (vídeo) Youtube. 5:12m Acedido em 15 de Março de 2013 em: <http://www.youtube.com/watch?v=dQVVgqiV-lc>

De Masi, D. (2011). *Paradigma*. (video) Youtube. 26:56m. Acedido em 15 de Março de 2013 em: <http://www.youtube.com/watch?v=dQVVgqiV-lc>

De Masi, D. (s.d). *Domenico De Masi*. Acedido em 25 de Março de 2013 em: <http://www.domenicodemasi.it/pt/biografia/>

Demo, P. (2002). *Charme da Exclusão Social/ 2*. Ed. Ver. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

Dias, R. (2005). *Processos de aculturação e auto-determinação de refugiados em Portugal* Monografia de Licenciatura. Acedido em 25 de Janeiro de 2013 em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0233.pdf>

Dicionário Prático Ilustrado. (1958). Lello e Irmão – Editores – Porto. p.872-877

Fino, C. (s.d) *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*. p.4. Acedido em 03 de Outubro de 2013 em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>

Freire, P. (1981). *Acção Cultural para a Liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. pp.39-81. Acedido em 16 de Maio de 2013 em:

[http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o\\_Cultural\\_para\\_a\\_Liberdade.pdf](http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf)

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Acedido em 10 de Janeiro de 2013 em:

[http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_da\\_Autonomia.pdf](http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Autonomia.pdf)

Hall, S. (1999). *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. (3ª ed.) Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Horrchovski, M. (2004). *Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho/2004, p. 92-106. Acedido em 16 de Agosto de 2013 em: [http://www.emtese.ufsc.br/2\\_art7.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/2_art7.pdf)

Kashimoto, E, Marinho, M & Russeff, I. (2002). *Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento*. – Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol 3, N.4 p.35-42, Mar. 2002.

Lacan, J. (1964). *O Seminário livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1964 pp.22 - 74. Acedido em 23 de Setembro de 2013 em: <http://pt.scribd.com/doc/110738291/O-Seminario-Livro-11-Os-Quatro-Conceitos-Fundamentais-Da-Psicanalise>

Lacan, J. (1968/69). *O Seminário Livro 16 de um outro ao outro*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2008. Acedido em 5 de Maio de 2013 em: <http://pt.scribd.com/doc/73665206/O-Seminario-livro-16-De-um-Outro-ao-outro>

Maciel, A. (2010). *Algumas contribuições do Seminário 11 de Lacan para uma experiência de análise*. Acedido em 25 de Maio de 2013 em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/05/textos/AnaElisa.pdf>

May, R. (1975). *A Coragem de Criar*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Editora Nova Fronteira. Acedido em 25 de Março de 2013 em:

<http://pt.scribd.com/doc/35840029/ROLLO-MAY-A-Coragem-de-Criar>

Menken, A & Schwartz, S. (1995). *Colors of the wind*. Disney. Hollywood /USA. 1995.

Mundo Educação (s.d). *Criatividade*. Acedido em 20 de Março de 2013 em:

<http://www.mundoeducacao.com/psicologia/criatividade.htm>

Projeto Fronteiras Urbanas. (2010). *A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária Fundação para a Ciência e Tecnologia PTDC/CPE-CED/119695*: 2010.

Mesquita, M. (2008). *Children, space, and the urban street: an ethnomathematics posture*. Lisboa, 2008. Acedido em 15 de Setembro de 2013 em:

[http://www.academia.edu/2593563/Children\\_space\\_and\\_the\\_urban\\_street\\_An\\_ethnomathematics\\_posture](http://www.academia.edu/2593563/Children_space_and_the_urban_street_An_ethnomathematics_posture)

Nápoli, L (2012). *Por que Lacan disse que o sujeito é o que um significante representa para outro significante?*. Acedido em 03 de Outubro de 2013 em:

<http://lucasnapoli.com/2012/07/30/por-que-lacan-disse-que-o-sujeito-e-o-que-um-significante-representa-para-outro-significante/>

Padilha, P. (s.d). *O “Círculo de Cultura” na perspectiva da Interculturalidade*. Acedido em 07 de Setembro de 2013 em:

[http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000135/O\\_Circulo\\_de\\_Cultura\\_na\\_perspective\\_intertranscultural.pdf](http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000135/O_Circulo_de_Cultura_na_perspective_intertranscultural.pdf)

Porque é importante falar em Igualdade de Género actualmente? (s.d). Fascículo I.

Acedido em 15 de Maio de 2013 em:

[http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/CadernoCaritas\\_Fasciculo\\_I.pdf](http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/CadernoCaritas_Fasciculo_I.pdf)

Sam, D. (2006). Acculturation: conceptual background and core components. In D. L. Sam & J. W. Berry (Ed.) *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*, pp. 11-26. Cambridge: University Press.

Sam, D & Berry, J. (2006). *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. 2006

Silva, K & Silva, M. (2006). *Dicionário de Conceitos Históricos* – E.d. Contexto – São Paulo, 2006. Acedido em 03 de Julho de 2013 em: [http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito\\_CULTURA.pdf](http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf)

Zatti, V. (2007). *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire* – Porto Alegre, 2007.

Žizek, S. (2008). *A visão em paralaxe*. Boitempo. São Paulo / Brasil. 2008. p.32

## **ANEXOS**